

37/09
SETEMBRO 1984

A BLANONA



A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Primeira Presidência

Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:

Ezra Taft Benson
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
Russell M. Nelson
Dallin H. Oaks

Comitê de Supervisão:

M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

Executivo do International Magazine:

M. Russell Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

Executivo de A Liahona:

José Maria Carleto,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.



A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

Mensagem da Primeira

Presidência: "Quando o Mundo For Convertido",

Presidente Spencer W. Kimball..... 1

Somos Cristãos Porque...,

Élder Robert E. Wells..... 7

Perguntas e Respostas: "O Nome do Senhor Antes do Nascimento",

Stephen D. Ricks..... 13

Eu Estava Sendo Ensinada,

Jonice Hubbard..... 15

Falando Comparativamente,

Anya Bateman..... 16

Encontrar um Pai,

Abraham Kimball..... 22

Perguntas e Respostas:

"Castidade", Verl F. Scott..... 27

A Luta pela Alma,

Élder Melvin J. Ballard..... 30

SEÇÃO INFANTIL:

A Melo Caminho, Betty Lou Mell..... 1

Noé e a Arca..... 4

Só para Divertir..... 7

Capa: Dois novos templos dedicados em 1983: O Templo de Samoa, em Ápia, na capa dianteira, e o Templo de Tonga, em Nuku'alofa, na capa posterior.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 1.500,00;** para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 150,00.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

“QUANDO O MUNDO FOR CONVERTIDO”

Presidente Spencer W. Kimball



Por orientação do Presidente Kimball, este histórico discurso, proferido no Seminário de Representantes Regionais de 4 de abril de 1974, em conexão com a primeira conferência do Presidente Kimball como presidente da Igreja, está sendo republicado de forma atualizada e resumida, para uso no ensino familiar.

Permíti que debata convosco algumas das coisas que mais me têm preocupado.

Numa revelação ao Profeta Joseph Smith disse o Senhor: “E se acontecer que se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a

vossa alegria com ela no reino de meu Pai!” (D&C 18:15.)

Sem conversos, a Igreja haveria de definhar e morrer. Mas, talvez a maior razão para a obra missionária é proporcionar ao mundo a oportunidade de ouvir e aceitar o evangelho. As escrituras estão repletas de mandamentos, promessas e recompensas por se ensinar o evangelho. Empreguei deliberadamente o termo “mandamento”, pois me parece uma diretiva insistente da qual não nos podemos eximir, individual e coletivamente.

Pergunto-vos, o que o Senhor quis dizer quando, levando os doze apóstolos

1984

ao topo do Monte das Oliveiras, falou:

"...e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra"? (Atos 1:8.)

Estas foram suas últimas palavras antes de ascender ao seu lar celeste.

Qual o sentido da frase "até os confins da terra"? Ele já havia enumerado as regiões conhecidas dos apóstolos. Seria o povo da Judéia? Ou da Samaria? Ou talvez os poucos milhões do Oriente Próximo? Que seriam os "confins da terra"? Estaria ele se referindo aos milhões de seres do que constitui hoje a América? Incluiria o termo as centenas de milhares ou mesmo milhões da Grécia, Itália, costas mediterrâneas ou os habitantes da Europa Central? O que significaria? Estaria ele falando das pessoas vivas do mundo inteiro e dos espíritos destinados a virem ainda nos séculos futuros? Não estaremos nós subestimando suas palavras ou sentido?

Após a crucificação, os onze apóstolos se reuniram num monte da Galiléia onde lhes apareceu o Salvador e disse:

"...É-me dado todo o poder no céu e na terra.

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo."

(Ele disse "todas as nações".)

"Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém." (Mateus 28:18-20.)

Novamente as palavras *poder* e *mandamento*, e a promessa de contínuo apoio.

Em 1830, quando mandou que Parley P. Pratt, Oliver Cowdery, Peter Whitmer e Ziba Peterson fossem pregar aos lamanitas, o Senhor acrescentou: "...eu mesmo irei com eles e estarei em seu

meio; eu sou seu advogado junto ao Pai, e nada prevalecerá contra eles." (D&C 32:3.)

Pensai no mundo visto por Moisés - era um mundo imenso.

"... e (Moisés) viu o mundo e seus confins e todos os filhos dos homens que são e que foram criados..." (Moisés 1:8.)

Sou obrigado a crer que naquele tempo o Senhor já conhecia os confins das habitações humanas, as áreas que seriam povoadas e também o seu povo que possuiria este mundo.

Continuando a impressionar Moisés com a magnitude de suas palavras e glória, o Senhor mostrou-lhe ainda mais.

"...Moisés olhou e viu a terra; sim, toda ela; e não houve partícula dela que não visse, discernindo-a por meio do Espírito de Deus.

"... e grande era seu número, sendo mesmo incontáveis como as areias das praias."

"E viu muitas terras; e cada terra se chamava mundo, e havia habitantes sobre as suas faces." (Moisés 1:27-29.)

Lembra-vos também de que Enoque, o profeta, viu os espíritos criados por Deus. (Moisés 6:36.) Estes profetas contemplaram os numerosos espíritos e todas as criações. Parece-me que o Senhor escolheu cuidadosamente suas palavras ao dizer "todas as nações", "toda a terra", "confins da terra", "toda língua", "todo povo", "cada alma", "todo o mundo", "muitas terras".

Como essas palavras são significativas!

Certamente suas ovelhas não se limitavam aos poucos milhares que viviam ao seu redor e com as quais conviviam. Uma família universal! Um mandamento universal!

Irmãos e irmãs, fico imaginando se estaremos fazendo o máximo possível. Somos complacentes na designação de



ensinar o evangelho aos outros?
Estaremos preparados para alongar o
passo? Para ampliar nossa visão?

Lembrai-vos de que Deus é o nosso
aliado. É o nosso comandante. Ele fez os
planos. Deu a ordem. Lembrai-vos de que
temos citado milhares de vezes as
palavras de Néfi:

"E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e
cumprirei as ordens do Senhor, pois sei
que o Senhor nunca dá ordens aos filhos
dos homens sem antes preparar um
caminho pelo qual suas ordens poderão
ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

Lendo esta escritura, fico pensando
nas muitas nações que continuam
intocadas.

Seja como for, irmãos, sinto que
quando fazemos o possível, o Senhor

encontrará um meio de abrir-nos as
portas. Isto é minha convicção.

"Haverá cousa alguma difícil ao
Senhor?", perguntou ele, quando Sara riu
ao ser informada de que teria um filho.
Ouvindo aquilo ali parada na porta da
tenda, ela sabia que, tanto Abraão, aos
cem anos de idade, como ela, aos
noventa anos, haviam passado da idade.
Ela não mais podia conceber filhos. Ela
sabia disso, assim como sabemos que
não poderíamos abrir as portas de muitas
nações.

"E disse o Senhor a Abraão: Por que
se riu Sara...?"

"Haveria cousa alguma difícil ao
Senhor? Ao tempo determinado tornarei a
ti por este tempo da vida, e Sara terá um
filho." (Gênesis 18:13-14.)

A maior razão para a obra missionária é proporcionar ao mundo a oportunidade de ouvir e aceitar o evangelho.

Irmãos, Sara realmente teve um filho de Abraão, o pai das nações.

"Pelo que também de um, e esse já amortecido (e esse era Abraão, com cem anos de idade), descenderam tantos, em multidão, como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar." (Hebreus 11:12.)

Haverá coisa alguma difícil ao Senhor?

Também a Jeremias ele disse:

"Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne: seria qualquer coisa maravilhosa para mim?" (Jeremias 32:27.)

Se ele ordena, com certeza podemos cumprir.

Lembre-mo-nos do êxodo dos filhos de Israel atravessando o Mar Vermelho, o que era impossível.

Lembre-mo-nos de Ciro desviando um rio e tomando a inexpugnável cidade de Babilônia.

Lembre-mo-nos dos lehtas chegando à terra prometida.

Lembre-mo-nos da Guerra da Independência e do poder de Deus que nos trouxe o triunfo.

Creio que o Senhor pode fazer qualquer coisa que decida fazer.

Mas não vejo uma boa razão para o Senhor abrir as portas pelas quais não estejamos preparados a entrar.

Hoje temos em torno de 26.000 missionários. Poderíamos mandar mais. Muitos mais! Precisamos de mais rapazes e precisamos de um número muito maior de casais maduros.

Quando peço missionários, estou pedindo que comecemos mais cedo e treinemos melhor nossos missionários em todos os ramos e alas do mundo. Este é outro desafio — que os jovens compreendam que é um grande privilégio cumprir um chamado missionário, que precisam estar física, mental e espiritualmente preparados, e que o "Senhor não pode contemplar o pecado com o menor grau de indulgência". (Alma 45:16.)

Estou pedindo missionários cuidadosamente doutrinados e instruídos pela família e pelas organizações da Igreja, e que partam para a missão com muita vontade. Estou pedindo que os missionários em perspectiva recebam um treinamento melhor, por mais tempo e iniciado mais cedo, a fim de que todos possam aguardar a missão com grande alegria.

Seguidamente surge a pergunta: Todo jovem deve cumprir missão? E a resposta dada pelo Senhor é: Sim! Todo rapaz apto deveria cumprir missão.

Todo rapaz deveria também pagar o dízimo. Todo rapaz deveria guardar o dia do Senhor. Todo rapaz deveria comparecer às suas reuniões. Todo rapaz deveria casar-se no templo e instruir seus filhos e fazer muitas outras coisas maravilhosas. É claro que deveria.

Compreendemos que, embora todos os homens decididamente devessem pregar o evangelho em outras terras, nem todos estão preparados para isso. Sim, diríamos, todo homem digno e capaz deve carregar a cruz. Que grande exército não teríamos assim, pregando a Cristo e ele mesmo crucificado! Sim, eles

deveriam estar preparados para a missão, com economias e geralmente com disposição alegre para servir, sempre.

Diz o Senhor:

“E que todo homem (atentastes para estas palavras, *todo homem?*) tome em suas mãos a retidão e sobre os seus lombos a fidelidade, e aos habitantes da terra levante a voz de admoestação; e declare, tanto por palavra como por fuga, que desolação virá sobre os iníquos.” (D&C 63:37.)

Quero salientar novamente que nosso primeiro propósito é o mesmo de nosso Pai Celestial — levar a toda alma o evangelho que pode abrir-lhe as portas da vida eterna. Nosso objetivo não é poder ou domínio, mas é totalmente espiritual. E a toda nação e povo que abrir suas fronteiras ao evangelho adirão bênçãos inacreditáveis.

Se fizemos tudo que pudermos, e eu aceito minha parte nessa responsabilidade, estou certo de que o Senhor proverá mais descobertas para nosso uso. Fará com que haja uma mudança no coração dos reis e magistrados e imperadores, ou desviará rios ou abrirá mares, ou descobrirá maneiras de tocar os corações. Ele abrirá as portas e tornará possível o proselitismo. Disto, tenho grande convicção.

Agora, temos a promessa do Senhor de que o maligno jamais conseguirá frustrar totalmente a obra de que o Senhor nos encarregou.

“Este reino continuará a crescer e progredir, a expandir-se e a prosperar mais e mais. Toda vez que seus inimigos tentarem derrubá-lo, tornar-se-á mais extenso e poderoso; ao invés de diminuir, ele continuará a crescer; expandir-se-á ao máximo, tornar-se-á mais maravilhoso e proeminente diante de todas as nações,



até que encha toda a terra.” (Brigham Young, Conferência Geral de abril de 1852.)

Estamos familiarizados com a afirmação do Profeta Joseph Smith na Carta Wentworth escrita a 1.º de maio de 1842. (Veja *History of the Church*, 4:536.) Tenho certeza de que o Profeta Joseph previu os muitos problemas futuros provocados pelo nacionalismo dos povos e medo da guerra, confusão e inveja. Tenho certeza de que sabia que todas essas coisas iriam acontecer e mesmo assim, a despeito de tudo, disse com toda intrepidez e certeza:

“Nenhuma mão iníqua pode impedir que a obra prossiga: as perseguições podem alastrar-se, multidões podem reunir-se, exércitos podem congregar-se, calúnias podem difamar, mas a verdade de Deus seguirá adiante corajosamente, nobre e independente, até que tenha

penetrado em todos os continentes, visitado todas as regiões, varrido todos os países e penetrado em todos os ouvidos; até que os propósitos de Deus sejam cumpridos, e o grande Jeová diga que a obra está terminada.”

A imensidade da obra que temos diante de nós é enfatizada quando consideramos que a população do mundo se está aproximando da marca dos cinco bilhões.

Não tenho nenhuma ilusão de que isso possa ser feito sem esforço, ou de que possa ser feito da noite para o dia, mas tenho realmente certeza de que podemos ir avante e nos expandir mais rapidamente do que o fazemos agora.

Quando estive no Japão e na Coréia, algum tempo atrás, e vi os numerosos moços tão simpáticos que se filiavam à Igreja provendo liderança às suas organizações, pareceu-me vislumbrar um grande movimento, quando haveria milhares de homens, em cada local, preparados, fortes e desejosos de irem a outras terras; e quando mais tarde estive no México, pude vislumbrar novamente a juventude latina, do México, da América Central e do Sul qualificando-se em grande número, para o serviço missionário dentro de seu próprio país e, finalmente, em outras terras, até que o exército de missionários do Senhor venha a cobrir a terra como as águas cobrem as grandes profundezas.

Lancei o desafio. Acredito que haja uma solução. Penso que, se formos todos unos de mente e coração, e de propósito, podemos seguir avante com grande energia!

Podemos aproximar-nos do ideal estabelecido pelo Presidente David O. McKay: “Cada membro um missionário.” Isso foi inspirado!

Sei que essa mensagem não é nova, e já falamos antes sobre ela, mas creio que

chegou o momento de empunhar as armas. Creio que devemos mudar novamente nosso conceito e elevar nossas metas.

Oro para que as bênçãos do Senhor nos acompanhem ao enfrentarmos nossas grandes responsabilidades. ★

Idéias para os Mestres Familiares

Pontos que merecem destaque. Talvez os queira enfatizar em suas visitas de mestre familiar:

1. A maior razão da obra missionária é dar aos filhos do Pai Celestial oportunidade de conhecer o evangelho.
2. O Senhor prometeu apoio contínuo àqueles que fielmente levam a mensagem a outras pessoas. Assim, não temos nenhuma razão para temer.
3. Muitas nações e pessoas ainda não ouviram a mensagem do evangelho. Podemos fazer muita coisa para que o Senhor abra as portas à oportunidade de ensinar o evangelho.
4. Os pais devem orar e ponderar a melhor maneira de preparar seus filhos para o serviço missionário.
5. A obra missionária que temos pela frente pode parecer assoberbante, mas acontecerão milagres se prosseguirmos com fé.

Sugestões para o Debate:

1. Fale do que sente a respeito da obra missionária ou conte alguma experiência pessoal. Peça aos membros da família que façam o mesmo.
2. A mensagem contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria melhor abordar o assunto depois de conversar com o chefe da família antes da visita? O bispo ou o líder do quorum tem uma mensagem especial para o chefe da família com relação às responsabilidades missionárias?

SOMOS CRISTÃOS PORQUE...

Élder Robert E. Wells
do Primeiro Quorum dos Setenta

Aos membros da Igreja, que têm dedicado a vida ao Evangelho de Jesus Cristo, pode parecer surpreendente saber que há pessoas no mundo que não sabem que somos cristãos. Muitas pessoas nunca ligaram o apelido "mórmom" a "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Nos dias que correm existe mesmo um esforço organizado nos Estados Unidos para confundir o público e convencê-lo de que os santos dos últimos dias são uma seita não-cristã.

Sempre reivindicamos "o privilégio de adorar a Deus, Todo-Poderoso, de acordo com os ditames de nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem". (Décima-primeira Regra de Fé.) Acreditamos que todos os homens mostram o melhor de si quando adoram seu Deus. Respeitamos seu direito de crer em qualquer coisa que lhes seja sagrada, e pedimos que retribuam a mesma cortesia. Por essa razão, a

declaração que segue não pretende provocar disputa, mas rever brevemente por que nos julgamos amplamente qualificados a sermos considerados cristãos.

1. Somos cristãos porque adoramos a Deidade Cristã, a Trindade Cristã. "Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo." (Primeira Regra de Fé.) *Não temos outros deuses diante de nós.* (Veja Êxodo 20:3.) Não adoramos profetas nem santos, sejam eles modernos ou antigos. Oramos apenas ao Pai, conforme o Salvador ensinou durante seu ministério terreno (veja Mateus 6:9-13); e isto fazemos apenas em nome do Salvador. Ensinamos, como as escrituras, que não há nenhum intermediário entre Deus e o homem, exceto Jesus Cristo, e "não há outro nome dado debaixo do céu, mediante o qual o homem possa salvar-se, a não ser deste Jesus Cristo". (2 Néfi 25:20.)

2. Somos cristãos porque, como os primeiros cristãos, não temos imagens

esculpidas ou qualquer outro objeto de culto idólatra. (Veja Êxodo 20:4-6.) Nem achamos correto incluir medalhas, relíquias de tempos antigos, estátuas, e nem mesmo a cruz ou outros objetos feitos pelo homem na adoração do Deus vivo. É claro que enfeitamos nossos parques e prédios com estátuas e colocamos gravuras do Salvador e de outros personagens em lugares proeminentes, mas não emprestamos nenhum significado religioso indevido a essas coisas feitas pelo homem.

3. Somos cristãos porque, como os primeiros cristãos, *não tomamos o nome do Senhor em vão* (veja Êxodo 20:7), nem toleramos o uso indevido de qualquer termo que se refira à Deidade. Seguimos a admoestação do Salvador de “que de maneira nenhuma jureis” em nossos relacionamentos mútuos. (Veja Mateus 5:34-37.) Portanto, na condução de assuntos diários não fazemos juramentos vãos em nome de coisas sagradas. Pelo contrário, nossas comunicações mútuas são simples, honestas e diretas. Também sentimos que aqueles que seguem a Cristo devem evitar o uso de linguagem vulgar e obscena — assim como evitamos o uso de qualquer expressão reservada para a Deidade de maneira inadequada.

4. Somos cristãos porque *santificamos o dia do sábado cristão*. (Veja Êxodo 20:8-11.) E procuramos santificá-lo durante todo o dia, não apenas enquanto estamos na igreja. Somos contrários a qualquer profanação do dia do Senhor, seja praticando esportes, participando de entretenimento público, caçando, pescando, trabalhando ou coisas semelhantes. O domingo é para nós um dia de adoração, um dia de descanso, uma ocasião para estudar, visitar doentes; e não devemos fazer coisas que podem ser realizadas em outros dias da

semana; tampouco deve ser um dia para comprar, vender, negociar ou participar de outras transações comerciais.

5. Somos cristãos porque *honramos nosso pai e nossa mãe*, nossos avós e todas as outras gerações, à maneira cristã. (Veja Êxodo 20:12.) Procuramos converter o coração dos filhos aos pais (e ancestrais) e converter o coração dos pais aos filhos (veja Malaquias 4:6), para assim unirmos todas as gerações nos laços do amor eterno. Procuramos casar no templo para a eternidade. Nossas ordenanças no templo são centralizadas em Cristo. Temos programas orientados por Cristo para fortalecer o lar, a família e cada indivíduo. Esforçamo-nos para proteger a integridade do lar e da família, contra a influência de Satanás. Somos contrários às coisas que destroem o lar e a família, como o aborto, o homossexualismo, a promiscuidade, o álcool, as drogas, a violência e o divórcio injustificado. Na realidade, foi um profeta cristão dos últimos dias, o Presidente David O. McKay, quem ensinou que: “Nenhum outro sucesso compensa o fracasso no lar.”

6. Somos cristãos porque nos esforçamos em obedecer tanto ao mandamento judaico-cristão “*não matarás*” (Êxodo 20:13) como a lei maior dada por Cristo: “Qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo.” (Mateus 5:22.) Cristo era contrário à ira, às discussões e às contendas. Seu conselho foi: “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:44-45.) É nosso maior desejo ser obedientes a ele nesse sentido.

É por causa de nossa reverência por esse mandamento que temos



Sinto que quando fazemos o possível, o Senhor encontrará um meio de abrir-nos as portas.

sentimentos contrários ao suicídio, e ao aborto, exceto nos raros casos em que possa colocar em risco a vida da mãe ou de estupro ou incesto. É por causa da reverência a esse mandamento que também temos sentimentos contrários à "morte lenta" que muitos indivíduos infligem a si próprios ingerindo drogas, álcool e outros estimulantes prejudiciais à mente e ao corpo.

7. Somos cristãos porque nos esforçamos em obedecer tanto ao mandamento judaico-cristão "*não cometerás adultério*" como a lei maior dada por Cristo: "Qualquer que atentar numa (pessoa do sexo oposto) para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela." (Mateus 5:28.) Portanto, sentimos que os cristãos controlam os pensamentos e não são indulgentes com qualquer coisa pornográfica ou imoral ou indecente. Somos totalmente contrários ao sexo antes do casamento, carícias íntimas e práticas de namoro impróprias. Sentimos que ambos os parceiros devem chegar absolutamente puros ao altar do casamento, e que a virtude, castidade e fidelidade conduzem a casamentos sólidos que durarão por toda a eternidade.

8. Somos cristãos porque nos esforçamos em obedecer ao mandamento judaico-cristão "*não furtarás*". (Êxodo 20:15; veja também D&C 42:20.) Enfatizamos a honestidade, integridade e dignidade pessoal. Também concordamos com o Profeta Malaquias, que mostrou que reter dízimos e ofertas é roubar o que pertence a Deus. (Veja Malaquias 3:8-12.) Testificamos sem hesitar que milhões crêem no princípio do dízimo e o praticam, achando que é melhor viver com noventa por cento e mais as bênçãos do Senhor, do que tentar enfrentar as incertezas deste mundo incerto com sua própria sabedoria e recursos, apenas.

9. Somos cristãos porque nos esforçamos em obedecer ao mandamento judaico-cristão de *nunca prestar falso testemunho contra o próximo* (veja Êxodo 20:16), ao qual acrescentamos nossa responsabilidade cristã de prestar um testemunho verdadeiro em todos os momentos. Isto porque a luz e a verdade são a glória de Deus (veja D&C 93:36), e ninguém repleto de falsidade e engodo em qualquer grau pode chegar-se a ele. Talvez a parte mais importante do verdadeiro testemunho que nós, como cristãos, prestamos sempre que podemos é nosso testemunho de que Jesus é o Cristo, que morreu por nossos pecados, que ressuscitou no terceiro dia, que ele vive e está à testa da Igreja que leva o seu nome. Testificamos como testemunhas verdadeiras que a plenitude do seu evangelho foi restaurada na terra. Queremos compartilhar essa verdade com todos. A obra missionária é uma tradição cristã da qual participamos com alegria.

10. Somos cristãos porque nos esforçamos em obedecer ao mandamento judaico-cristão "*não cobiçarás*" (Êxodo 20:17), ao qual

acrescentamos o sábio conselho dos profetas cristãos de que devemos ser auto-suficientes, estar preparados para emergências, dispostos a ajudar os necessitados e generosos nas ofertas que são usadas pela Igreja para o bem-estar de outras pessoas. Acreditamos que fazendo essas coisas não cobiçaremos, nem daremos aos outros motivos para que cobicem aquilo que temos.

11. Somos cristãos porque "cremos que os homens serão punidos por seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão". (Segunda Regra de Fé.) Temos plena consciência de que somos responsáveis e respondemos por nossas ações, e que um dia estaremos diante de Deus para sermos julgados segundo nossas obras. (Veja Apocalipse 20:12.) Acreditamos que o Salvador fica satisfeito com aqueles que "faz(em) a vontade de (seu) Pai que está nos céus". (Mateus 7:21.) Esse princípio cristão faz com que procuremos aprimorar nosso viver e praticar o bem no mundo.

12. Somos cristãos porque "cremos que por meio do *sacrifício expiatório de Cristo* toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho". (Terceira Regra de Fé.) Não há outro caminho para a salvação.

13. Somos cristãos porque "cremos que os primeiros princípios e ordenanças do evangelho são: primeiro, *fé no Senhor Jesus Cristo*; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo". (Quarta Regra de Fé.) Todas estas coisas estão centralizadas em Cristo.

14. Somos cristãos porque acreditamos no ministério cristão leigo, estabelecido na Igreja primitiva. "Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para



pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças." (Quinta Regra de Fé.) Cremos que o chamado para ser ministro é algo que "ninguém toma para si", mas tem que ser "chamado por Deus, como Aarão". (Hebreus 5:4.) Em outras palavras, não cremos que um homem possa chamar a si próprio para o ministério do Senhor.

15. Somos cristãos porque "*cremos na mesma organização existente na Igreja (cristã) primitiva*, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas etc..." (Sexta Regra de Fé), assim como todos os outros ofícios mencionados em o Novo Testamento, como diáconos, bispos e sumos sacerdotes. Exatamente como na Igreja primitiva, cremos que a Igreja de Cristo em nossos dias deve ser "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina". (Efésios 2:20.) E testificamos que em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos

Penso que, se formos todos unos de mente e coração, e de propósito, podemos seguir avante com grande energia.

Últimos Dias, e somente nela, é exatamente assim.

16. Somos cristãos porque cremos nos mesmos dons espirituais que existiam na Igreja primitiva (cristã), isto é, "o dom das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação das línguas, etc.". (Sétima Regra de Fé.)

17. Somos cristãos porque "cremos ser a Bíblia (tanto o Velho Testamento como o Novo Testamento) a palavra de Deus, o quanto seja correta a sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus". (Oitava Regra de Fé.) Exatamente como a Bíblia foi escrita por profetas cristãos no Velho Mundo, o Livro de Mórmon também foi escrito por profetas cristãos em o Novo Mundo. É uma escritura cristã, uma nova testemunha de Jesus Cristo, com muitas informações adicionais a respeito do Salvador que de forma alguma contradizem a Bíblia Sagrada.

18. Somos cristãos porque "cremos em tudo que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus". (Nona Regra de Fé.) *Cremos*

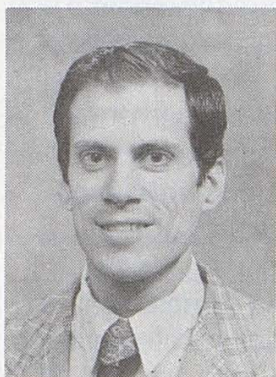
em profetas cristãos, e no princípio da revelação continua em nossos dias, "tanto agora, como o foram no passado e como o serão no futuro". (1 Néfi 10:19.) Porquanto estamos convencidos de que o amor de Cristo se estende a todos, e de que ele é nosso Pastor agora como o foi em outros tempos.

19. Somos cristãos porque *cremos na Segunda Vinda de Cristo* em toda a sua glória, e que ele "reinará pessoalmente sobre a terra; e que a mesma será renovada e receberá a sua glória paradisíaca". (Décima Regra de Fé.)

20. Somos cristãos porque *cremos em todos os ideais de vida cristãos*: "Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens.... Se houver alguma coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos." (Décima-terceira Regra de Fé.) Aceitamos viver todas as virtudes semelhantes às de Cristo exemplificadas nas bem-aventuranças e no Sermão da Montanha, em todos os ensinamentos do Salvador, e nos esforçamos por isso. Cremos que devemos servir a Cristo de todo o coração, poder, mente e força; que devemos ser exemplos de fé, caridade, amor, conhecimento, temperança, paciência, bondade fraternal, piedade, humildade e diligência, e ter os olhos fitos na glória de Deus. Resumindo, somos cristãos porque "acreditamos em Cristo... e esperamos firmemente em Cristo... somos vivificados em Cristo... falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e... olha(mos) adiante, para aquela vida que está em Cristo... O caminho reto é acreditar em Cristo... Cristo é o Santo de Israel; deve(mos), portanto, inclinar(nos) diante dele e adorá-lo com toda a (nossa) força, mente e poder e com toda a (nossa) alma". (2 Néfi 25:24-29.) ★

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Pergunta: Os profetas do Livro de Mórmon sabiam antes do nascimento do Senhor que seu nome seria Jesus Cristo. Os profetas do Velho Testamento

também o sabiam?

Resposta: Stephen D. Ricks, professor assistente de Línguas Hebraica e Semíticas, Universidade Brigham Young

O nome *Jesus Cristo* — e também suas formas abreviadas, *Cristo* e *Jesus* — são mencionados inúmeras vezes no Livro de Mórmon antes do nascimento do Senhor na carne. O Salvador apareceu ao irmão de Jared, o mais antigo profeta do Livro de Mórmon, por volta de 2200 A.C., dizendo: "Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir meu povo. Eis que sou Jesus Cristo." (Éter 3:14.)

Néfi provavelmente soube o nome do Salvador, tanto pelas placas de latão (as

escrituras de que dispunha) como por revelação pessoal: "De acordo com as palavras dos profetas.... Seu nome será Jesus Cristo." (2 Néfi 25:19.) Profetas posteriores do Livro de Mórmon que viveram antes do nascimento de Cristo — como Jacó, o Rei Benjamim, Alma e Helamã — também conheciam e usavam o nome do Senhor. (Veja Jacó 1:6; 4:4; Mosiah 3:5-11; Alma 5:44; Helamã 5:12.)

Aprendemos na Pérola de Grande Valor que muitos profetas do Velho Testamento também conheciam o nome do Salvador. Foi revelado a Adão que ele deveria batizar "em nome de meu Filho Unigênito.... que é Jesus Cristo". (Moisés 6:52.) Enoque orou "em nome do teu Unigênito, mesmo Jesus Cristo". (Moisés 7:50.) Noé, no decorrer de sua pregação, declarou: "Crede e arrependei-vos de vossos pecados e batizai-vos em nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus." (Moisés 8:24.)

Embora a vida, missão, sofrimento e morte do Redentor sejam preditos no Velho Testamento — "na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos" (Lucas 24:44), ele não é identificado pelo nome de *Jesus Cristo*. Por que?

Há uma explicação lógica para que o nome *Jesus Cristo* apareça no Livro de Mórmon, mas não no Velho Testamento. *Jesus Cristo* é a forma inglesa do nome do Salvador em grego — a língua do Novo

A Bíblia e o Livro de Mórmon se unem como testemunhas de Jesus Cristo, complementando e confirmando-se mutuamente.

Testamento. As placas de latão, porém, aparentemente foram escritas em egípcio (veja Mosiah 1:3-4; também 1 Néfi 1:2-3; 3:19); as placas maiores e provavelmente as placas menores de Néfi, em hebraico (veja Mórmon 9:33); e os registros condensados de Mórmon e Morôni em "egípcio reformado". (Mórmon 9:32.) Não é provável portanto, que o nome grego do Salvador constasse dos registros dos quais Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon, uma vez que eram redigidos em grande parte em "egípcio reformado", cuja base era o idioma hebraico. O Profeta deve ter usado o nome *Jesus Cristo* como equivalente mais próximo do termo ou palavras usadas pelos antigos autores do Livro de Mórmon. Ao traduzir seus escritos, o Profeta Joseph Smith usou o nome com o qual ele e demais cristãos estavam familiarizados.

Embora a versão grega do nome do Salvador não constasse dos escritos dos antigos patriarcas hebreus e americanos, os profetas hebreus usavam uma versão hebraica do nome e esta versão talvez constasse das placas de latão, das quais passou para os escritos nefitas. Tanto *Jesus* como *Cristo* tem equivalente hebraico. Formas hebraicas do nome *Jesus* — *Josué*, *Jesua* — são freqüentemente encontradas no Velho

Testamento, embora não com referência ao Salvador. (Veja, por exemplo, Êxodo 17:9; I Crônicas 24:11; Esdras 2:40.) Josué e Jesua são tradução dos nomes hebraicos *Yehoshua* e *Yeshua*. Jesus é o equivalente da forma grega de *Yeshua* ou *Yeshu*.

O equivalente hebraico da palavra *Cristo* — *Messias* — também aparece nas escrituras hebraicas. *Mashiah*, que significa "ungido" e que é traduzido como *christos* no grego, é freqüentemente empregado no Velho Testamento com referência ao sumo sacerdote ungido. (Veja Levítico 4:3, 5, 16, por exemplo, onde *mashiah* é traduzido como "ungido".) Também é usado com referência ao rei ungido de Deus, como Saul e Davi. (Veja I Samuel 24:6; 26:9, 11, 16, 23; II Samuel 19:21; 23:1.) O termo também passou a ser usado especificamente com referência ao Ungido de Deus, que veio em cumprimento da profecia. A própria palavra *Messias* é usada na descrição da visão de Daniel, onde se faz referência ao "Messias, o Príncipe". (Veja Daniel 9:25.)

Uma vez que Néfi, que estudou as placas de latão, provavelmente soube o nome de Jesus Cristo através das "palavras dos profetas" (2 Néfi 25:19), é provável que ocorresse nas placas de latão uma versão do nome do Salvador — talvez o equivalente hebraico de *Jesus*, *O Messias*, vertido para o egípcio. Essas placas continham grande parte das informações encontradas em nosso Velho Testamento: "Os cinco livros de Moisés, os quais davam a história da criação do mundo e de Adão e Eva, ...e também a história dos judeus, desde o princípio até o começo do reinado de Zedequias, rei de Judá." (1 Néfi 5:11-12.)

Não fica clara a razão pela qual as informações específicas encontradas nas placas de latão — como o uso do nome

do Salvador em profecias — não estavam incluídas nos registros que constituem agora o Velho Testamento. É possível que o nome do Senhor constasse originalmente nos escritos dos profetas, sendo uma das “muitas coisas claras e preciosas (que foram tiradas) desse livro”. (Veja 1 Néfi 13:28.) Como o anjo profetizou a Néfi, o Livro de Mórmon, que inclui informações das placas de latão, divulgará “as coisas claras e preciosas que deles (dos registros de Jesus) haviam sido tiradas, mostrando a todas as famílias, línguas e povos que o Cordeiro de Deus é o Filho do Pai Eterno e o Salvador do mundo, e que é necessário que todos venham a ele, pois, do contrário, não se salvarão”. (1 Néfi 13:40.)

Quer o nome *Jesus Cristo* apareça no Velho Testamento ou não, esta escritura

ainda continua sendo um importante testemunho dele. Jesus disse a seus detratores: “Examinai as escrituras,... e são elas que de mim testificam.” (João 5:39.) Com poucas exceções, o termo *escrituras* é usado em o Novo Testamento para referir-se ao Velho Testamento. (Veja, por exemplo, Lucas 24:44-45.) Essas escrituras encontraram seu significado e cumprimento em Jesus. (Veja Lucas 4:21.) Ele era o triunfal Filho do Homem (compare com Daniel 7:13-14; Marcos 13:26), o filho e herdeiro de Davi (veja Marcos 12:35-37, 15:2), o grande Sumo Sacerdote. (Veja Hebreus 4:14.)

Assim, a Bíblia — tanto o Velho como o Novo Testamento — e o Livro de Mórmon se unem como testemunhas de Jesus Cristo, complementando, reafirmando, elucidando e confirmando-se mutuamente no testemunho dele. ★

EU ESTAVA SENDO ENSINADA

Jonice Hubbard

Durante o período destinado ao estudo na hora do almoço, quando missionária, eu estava recapitulando a quarta palestra. Silenciosamente revi as perguntas que fazemos aos pesquisadores a respeito da missão do Salvador. De repente, na quietude daquele momento, os papéis pareceram inverter-se e me tornei não a professora, mas a pessoa que estava sendo ensinada.

A experiência foi irresistível. Nunca antes o sacrifício expiatório do Salvador

me pareceu tão real. Naquele momento, entendi a angústia do seu sacrifício, e senti-me cingida por seu amor. Nesta vida, nunca chegarei a compreender plenamente a maravilhosa dádiva que o Salvador nos oferece; mas o poder daquele momento me tem amparado. E sinto-me tomada de assombro sempre que participo do sacramento, o emblema de sua dádiva de amor, seu dom de vida. ★

Jonice Hubbard, American Fork, Utah

FALANDO COMPARATIVAMENTE

Anya Bateman

USAR NOSSA PRÓPRIA MEDIDA — E NÃO
A DE NOSSO PRÓXIMO, PARA DETERMINAR O
PROGRESSO PESSOAL.

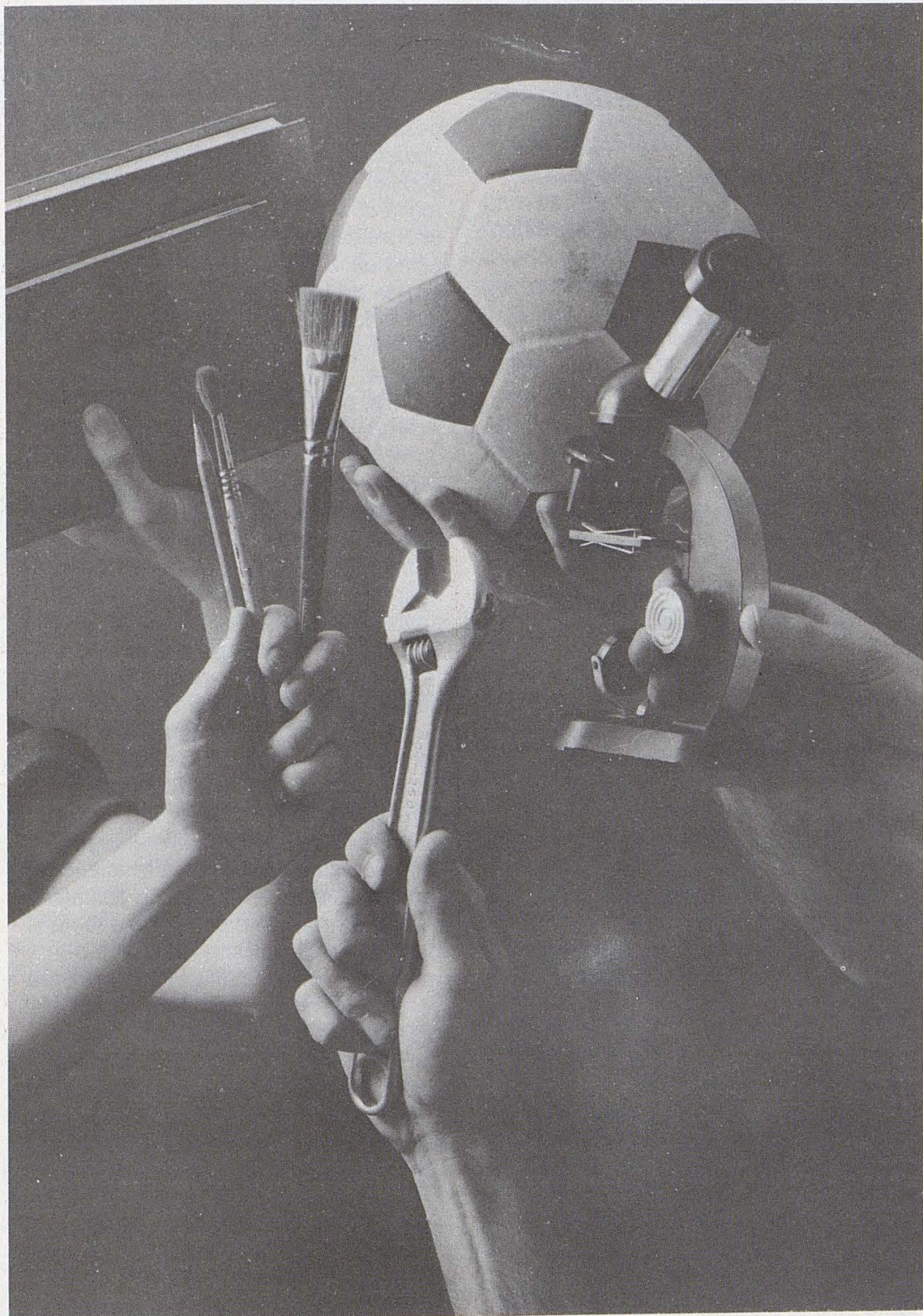
“**O**ntem de manhã eu estava de ótimo humor quando saí para fazer minhas visitas de professora visitante, mas voltei para casa arrasada” confidenciou Ana Maria a sua amiga. “A casa de Andréia estava tão limpa, suas crianças foram tão educadas que pareciam quase irreais. E Andréia me contou que já planejou as festas de aniversário de seus filhos para os próximos três anos. Senti-me tão inferior quando voltei para casa e encontrei a louça do desjejum por lavar e as camas desarrumadas, que gritei com meus filhos e chorei durante uma hora. Estou pedindo que Andréia seja posta na lista de visitas de outra pessoa. Não suporto que ela fique na minha.”

“Você notou que o Irmão Jacinto está de carro novo?” perguntou José à esposa. “É o segundo carro novo deles em menos de três anos. Não sei como faz, mas ele realmente sabe ganhar

dinheiro. Eu me considero um fracasso. Nós não temos um carro novo há oito anos.”

“Minha cunhada tem um livro de recordações maravilhoso,” suspira Mirna. “Ela é tão jeitosa que seu talento se mostra em tudo o que toca. Depois de ver o dela pus o meu próprio livro de lado e prometi nunca mais olhar para ele.”

Esses sentimentos de inferioridade, desânimo e mesmo ciúmes são, infelizmente, comuns em muitos de nós, quando nos comparamos com outras pessoas. Não obstante, é difícil *não* comparar — e fazendo-o tão freqüentemente como é nosso costume, sentimos que estamos em falta e reagimos com: “O que há de errado comigo? Por que não posso ser igual?” ou “Ele tem toda a sorte do mundo. Simplesmente não é justo.” Podemos até nos julgar culpados de não estarmos fazendo mais porque alguma outra



Às vezes ficamos tão animados quando realmente encontramos algo de errado numa pessoa “perfeita” que mal podemos esperar para contar aos outros.

pessoa que conhecemos parece estar fazendo demais. Às vezes tomamos a atitude do “por que tentar?”: “Eu nunca conseguiria sair-me tão bem, então por que tentar?”

Então aparecem amigos e parentes que fazem o tão conhecido “jogo da compensação” para nos confortar.

“Sim, mas ...”, dizem eles. “Sim, mas Andréia tem só três filhos, você tem quatro, e os seus são todos pequenos e não podem ajudar a cuidar uns dos outros”, diz a amiga de Ana Maria para confortá-la. “Além disso,” acrescenta, “Andréia provavelmente sabia que vocês iriam visitá-la.”

“Sim, mas você gasta muito mais tempo trabalhando na Igreja”, diz a esposa de José. “Você simplesmente não tem tempo de se concentrar em ganhar dinheiro.”

“Sim, mas você faz pão e costura tão bem, e tem tantos outros talentos”, assegura a amiga de Mirna.

E algumas vezes nós até tentamos consolar a nós próprios. “É, mas tenho uma casa maior para cuidar e me canso com mais facilidade.”

Como é triste saber que raramente ouvimos palavras como por exemplo: “Não é maravilhoso que Andréia tenha tanto talento para administrar o lar”, ou

“Sim, ele é gênio em finanças”, ou “Sim, ele faz um bom trabalho.”

O perigo da comparação surge quando tentamos encontrar falhas nas outras pessoas para “compensar” todas as qualidades positivas delas. “Sim”, pensamos, “Maria Perfeita realmente faz muita coisa. Ela realmente é bonita, charmosa e talentosa. Mas não *deve* ser uma boa mãe. *Deve* haver *alguma coisa* errada com ela.” Às vezes ficamos tão animados quando realmente encontramos algo de errado numa pessoa “perfeita” que mal podemos esperar para contar aos outros.

E no entanto, muitas coisas que dizemos para nos consolar mutuamente não deixam de ter um fundo de verdade.

As **situações**, de fato, *são* diferentes. Vivemos em lares diferentes e temos formação diferente e situação familiar diferente. Até mesmo situações aparentemente semelhantes geralmente têm diferenças. Norma orgulhava-se de fazer boas compras e ficou consternada quando sua vizinha Ana, com o mesmo número de filhos e de idades semelhantes, mencionou o total de sua conta mensal com alimentação. Para surpresa de Norma, era muito menor que sua própria despesa de alimentação. Então presumiu automaticamente, como tantos de nós fazemos, que a culpa era sua. Imediatamente começou a tentar descobrir onde andava errando e o motivo de tamanha diferença. Procurou ver em que podia economizar e cortar mais nas coisas supérfluas.

Finalmente, Norma reanalisou tudo e depois riu de si mesma por causa de uma coisa que havia esquecido. A resposta era simples. O marido de Ana viajava a serviço e nunca comia em casa durante a semana. Norma percebeu que havia sido desnecessariamente dura consigo mesma, quando a diferença era apenas uma diferença de situação.

Geralmente julgamos os outros

quando estão na melhor fase e a nós mesmos quando estamos na pior.

Bruno ficou bastante surpreso quando, parando na casa dos Barbosa, viu Antônio metido num macacão de mecânico e todo sujo de graxa. O filho de três anos dos Barbosa estava berrando e o adolescente com a televisão ligada a todo volume. A casa estava desarrumada e a Irmã Barbosa com o cabelo enrolado.

Sem criticar nem julgar, Bruno aprendeu uma importante lição a respeito de comparações. "Eu via Antônio apenas nas reuniões da igreja", refletiu, "e estava sempre bem arrumado e muito bem vestido. Imaginei que sua vida fosse perfeitamente controlada e não tivesse problemas humanos diários. Vê-lo em seu ambiente doméstico de certa forma foi confortante. Ainda o admiro muito — é óbvio que minha admiração não diminuiu em nada. Mas é bom saber que somos mais parecidos do que eu pensava. Agora fico imaginando como os outros me vêem na igreja."

É mais fácil reconhecer atributos e sucessos nos outros do que em nós mesmos.

"Qualquer talento especial que eu tenha está enterrado tão profundamente que eu teria de cavar até o outro lado do mundo para encontrá-lo", queixou-se Anita para sua amiga Linda. Linda pareceu surpresa. "Você está brincando? Você é uma líder nata. Inspira outras pessoas a darem o melhor de si. Apesar de ser tão organizada, faz as pessoas se sentirem bem consigo mesmas e não culpadas. Se isso não é talento então não sei o que é!"

Parece que o adversário consegue sair-se melhor quando convence as pessoas a se concentrarem naquilo que *não* fazem ou que *não* têm, em lugar de se concentrarem no que *podem* fazer e que *realmente* têm. Cada um de nós tem dons e bênçãos especiais. O problema é perceber quais são e reconhecê-los.

Sim, os argumentos que comumente

usamos quando nos confortamos mutuamente muitas vezes são válidos, mas há pormenores adicionais que geralmente negligenciamos, e que talvez até rejeitamos na tentativa de "contrabalançar".

Na realidade, não estamos aqui para competir uns com os outros, de maneira nenhuma. A competição é divertida nos jogos e eventos esportivos, quer vençamos ou perçamos. Mas na vida, todo ser humano é um vencedor potencial. A "vitória" de outra pessoa não resulta automaticamente em nossa "derrota". E se medirmos nosso progresso ou valor básico em termos de igualdade ou superioridade frente a outra pessoa, seremos como o jovem escritor talentoso que desistiu de sua arte porque "tudo já foi dito melhor do que eu jamais poderia dizê-lo". As grandes obras de literatura, arte e música não existiriam se outras pessoas tivessem tomado essa atitude.

Não há ninguém melhor que o Pai Celestial para nos ajudar a medir nosso valor e progresso. Ficar mais perto dele freqüentando assiduamente o templo e estudando as escrituras, ouvindo a sua palavra através das bênçãos e da oração sincera pode levar-nos a uma divina e pura consciência de nós mesmos. Quando Janice percebeu que se julgava culpada e frustrada por ficar aquém das expectativas que tinha estabelecido para si própria e também do que os outros esperavam dela, procurou a ajuda do Pai Celestial. "Gradualmente, à medida que chegava mais perto dele," diz ela, "percebi quão superficiais tinham sido muitas de minhas expectativas, e que simplesmente não precisava ser perfeita em todos os talentos e em todas as áreas em que outros se destacavam. Chegar mais perto dele me levou a uma percepção clara daquilo que se espera de mim e a uma conscientização de meu real valor e potencial como sua filha.

Minha frustração transformou-se numa sensação de paz e harmonia”.

A única competição que precisamos enfrentar é conosco mesmos. Embora não saibamos todas as razões por que somos diferentes nos talentos e atributos, o mais importante que devemos entender é que somos *indivíduos* seguindo nosso próprio caminho. Quando paramos de competir com os outros, podemos realmente passar a progredir mais. Não ficaremos tão desencorajados — e somos capazes de produzir mais. Podemos procurar ser melhores do que fomos ontem, na semana passada, no mês passado ou no ano passado.

Melanie aprendeu esta lição importante. “Enquanto crescia, eu sempre olhava para minha irmã mais velha que tocava piano muito bem, cantava, dançava, pintava, escrevia e desenhava. Eu insistia em querer descobrir alguma coisa que ela não fizesse e na qual eu pudesse destacar-me. Mas como ela fazia tantas coisas, nunca me vinha uma idéia. Então simplesmente não tentava.

“Eu estava casada e tinha dois filhos quando comecei a analisar meus sentimentos e meu desânimo com relação a minha falta de talentos. Sempre desejara tocar piano, mas nunca quis ter aulas porque minha irmã tocava muito bem. Finalmente, um dia a resposta me atingiu. Por que deveria importar-me com o fato de Janete tocar tão bem? Que diferença faria? Se quisesse tocar, tinha de ir em frente e tocar porque eu queria aprender.

“Assim fiz. No começo me incomodava estar praticando melodias simples enquanto Janete estudava peças clássicas difíceis. Mas logo meu prazer na música superou isso. Talvez não toque tão bem quanto minha irmã, e talvez nunca o faça, mas isto importa cada vez menos à medida que me realizo na música. Estou muito feliz por finalmente

não mais deixar que as realizações de outra pessoa retardem meu próprio progresso.”

A mensagem contida na parábola dos talentos é clara. Aquilo que recebemos é menos importante do que aquilo que fazemos com o recebido. Os servos a quem foram dados cinco e dois talentos foram ambos elogiados porque tinham produzido algo com o que tinham. O servo censurado foi aquele que enterrou o talento recebido. (Veja Mateus 25:14-30.)

Nossa vida se enriquece à medida que apreciamos os sucessos e as boas qualidades na vida das outras pessoas. É fácil pensar naqueles que viveram no passado — os grandes artistas, escritores, cientistas, músicos, filósofos e pessoas prestativas — como contribuidores positivos para nossa vida. Nós, porém, lidamos diariamente com pessoas “comuns” cujos talentos e habilidades nos auxiliam, cujos dons de bondade nos inspiram. Quando aprendemos a competir apenas com o próprio eu, passamos a sentir um apreço maior e mais cristão pelas realizações e atributos das outras pessoas. Os sentimentos negativos se dissipam à medida que vivermos nossa própria vida. Podemos aprender a nos regozijar com a excelência, não importa de quem seja. Podemos sentir alegria com o progresso de todas as pessoas — inclusive o nosso.

Quando Carolina assistiu a um espetáculo artístico, teve ciúmes do trabalho de uma de suas amigas. Depois refletiu: “Por que sentir-me assim? Tenho sorte de Laura ter esse talento para compartilhar, e deveria estar grata e inspirada por ela tê-lo expressado.”

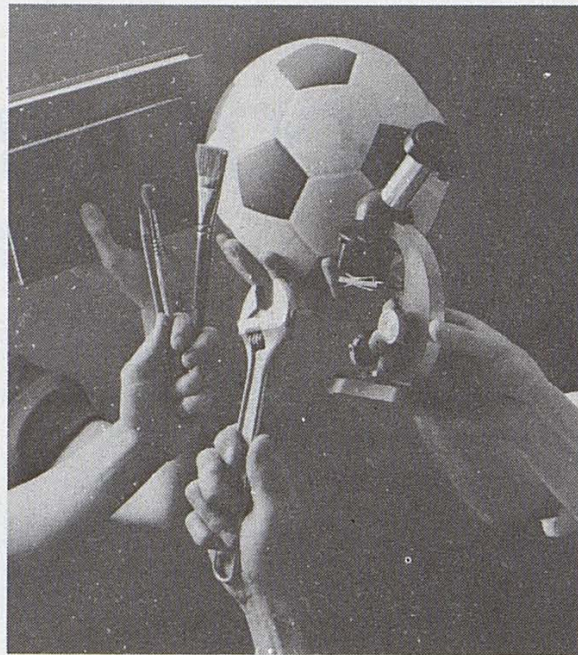
Trabalhar juntos, elevando-se e incentivando-se mutuamente torna o caminho de cada um em direção ao progresso mais fácil e mais agradável. Embora seguindo caminhos diferentes, ainda assim podemos encorajar a outra

pessoa em seu caminho. As pessoas notam quando estamos ao seu lado, quando realmente as amamos e queremos que tenham sucesso. E assim fazendo, não estamos de modo algum impedindo nosso próprio progresso. Na realidade, a visão que temos do caminho torna-se mais clara. O presidente Spencer W. Kimball nos fez lembrar que perder a si próprio é uma das melhores maneiras de "encontrar-se": "Quando estamos empenhados no serviço ao próximo, não só o estamos ajudando, mas passamos a entender melhor nossos próprios problemas. Quando nos preocupamos mais com os outros, sobra menos tempo para nos preocuparmos conosco mesmos. E, em meio ao milagre do servir, existe a promessa de Jesus de que, perdendo-nos nós nos encontraremos. (Vide Mat. 10:39.)

"Não só nos 'encontramos' em termos de percepção orientadora senão quanto mais servimos nossos semelhantes de maneira apropriada, nossa alma vai adquirindo maior substância. Servindo aos outros, tornamo-nos indivíduos mais significativos. E tornando-nos mais significativos servindo aos outros — de fato, fica mais fácil 'encontrarmo-nos', porque há muito mais de nós para encontrar!" ("Pequenos Atos de Serviço", *A Liahona*, dez. 1976, p. 1.)

Quando lhe perguntaram se havia nascido com seu evidente talento para ensinar, João sorriu. "Difícilmente," disse ele. "Eu parecia não poder vencer o medo no início e tinha uma enorme dificuldade para expressar-me. Foi só quando parei de pensar em mim mesmo, e comecei a pensar e orar a respeito de como poderia ajudar minha classe — de como poderia encorajá-los e motivá-los a atingirem seu potencial — que me tornei um professor melhor." Ao *perder-se* João se *encontrou*.

E como foi edificante ouvir recentemente duas irmãs da Sociedade



de Socorro conversarem depois que uma delas dera sua primeira aula, uma aula particularmente inspiradora. — E você disse que não conseguiria fazê-lo! Nunca me senti mais envolvida numa aula mais inspiradora!

— E como eu poderia deixar de fazê-lo, com seu rosto irradiando coragem para mim, — disse a primeira. — Obrigado, amiga. Você é o que podemos chamar de resposta a uma oração.

Que maior serviço podemos prestar do que encorajar outras pessoas? E, à medida que acreditamos nos outros, os encorajamos e nos alegramos com seu progresso, encontraremos mais facilidade em nos aperfeiçoar e progredir também. Assim fazendo, seguiremos o exemplo do Salvador, que procurou ajudar as outras pessoas a terem alegria e sucesso na vida. E enquanto ajudava os outros e a nós também, ele progredia igualmente em direção ao seu alto potencial. (D&C 93:12-14.) ★

Anyta Bateman, mãe de quatro filhos, leciona na Escola Dominical de sua ala na Cidade do Lago Salgado.

ENCONTRAR UM PAI

Abraham Kimball

Nota do Editor: Abraham Kimball, filho de Heber C. Kimball, um dos primeiros apóstolos desta dispensação, foi criado longe de seu pai por parentes hostis à Igreja. Em 1862, viajou para a Cidade do Lago Salgado onde seu pai servia como conselheiro do Presidente Brigham Young, e aprendeu a amar sua família e sua fé. A história a seguir se baseia no relato do próprio Abraham, preservado nos arquivos da Igreja.

Quando chegamos na estrada para Fort Hall (Idaho), James Spicer, o homem com quem eu estava viajando para a Califórnia, foi informado de que vários comboios de carroções tinham sido atacados pelos índios. Decidiu mudar seus planos e viajar por Utah.

"Morrerei bravamente", disse-lhe eu, naturalmente supondo que os mórmons me matariam ou algo pior.

Até aquele momento, os membros de nosso grupo não faziam idéia de quem eram meus pais. Decidi que seria melhor contar a Spicer.

- Meu pai está em Utah.
- Quem é ele?
- Não tenho certeza, — respondi. E

era verdade. Eu não sabia, mas percebia que haveria problemas.

— Eles provavelmente tentarão fazer-me prisioneiro, — argumentei.

— Não podemos seguir pela estrada de Fort Hall, — respondeu ele. — É muito perigoso. Temos de ir por Utah.

Spicer sorriu. — Você estará bem. — Subiu em seu carroção, pôs os cavalos em marcha, conduzindo-os para o norte, em direção à trilha para Utah.

Foi um pesadelo. Estávamos longe demais para que eu voltasse sozinho. A coisa que eu mais temera na vida se tornava realidade. Eu fora criado com um amargo preconceito e um rancor intenso em relação aos mórmons. O nome era para mim sinônimo de um monstro feio e perigoso. Frequentemente imaginava em meus sonhos estar sendo capturado por eles, e nos momentos de vigília visualizava uma vida de cativo entre eles — enjaulado como um animal selvagem.

Nunca tinha visto um mórmon, e não conseguia lembrar-me de meu pai. O que sabia a respeito deles, tinha aprendido com meu avô e sua família. Meu pai partira para Utah quando eu tinha apenas aproximadamente 12 meses de idade,



Heber C. Kimball

deixando duas esposas (minha mãe, Clarissa, e sua irmã, Emily) e meu irmão Isaac e a mim com meu avô, Alpheus Cutler. Apenas três mulheres acompanharam aquele primeiro grupo. Muitas esposas foram deixadas para trás aos cuidados de um parente ou amigo de confiança, seguindo para Utah nos anos seguintes.

Aproximadamente dois anos mais tarde, minha mãe morreu, e poucos meses depois minha tia Emily também. Meu avô mudou-se para Manti, Iowa, onde organizou sua própria igreja que passou a liderar, e chamou de "A

Verdadeira Igreja dos Santos dos Últimos Dias".

Ele denunciou a poligamia e a lei do dízimo. Ensinava a seus seguidores que Joseph Smith fora um profeta verdadeiro de Deus, mas que Brigham Young não era seu sucessor. Declarou ser o verdadeiro líder, possuindo autoridade para levar avante a obra dos últimos dias.

Meu irmão Isaac e eu éramos maltratados pela família de meu avô. Fomos perseguidos e injuriados por sermos de uma família polígama.

Diante até mesmo da menor provocação, ameaçavam mandar-nos

para Utah, dizendo que os mórmons logo dariam cabo (ou se livrariam) de nós. Ensinaram-nos que, se ficássemos muito tempo nos bosques, os mórmons nos pegariam e nos levariam. Mais de uma vez, enquanto colhíamos amoras, ficamos alarmados por algum barulho sussurrante na vegetação rasteira. Jogávamos as cestas e corríamos como antílopes assustados, sem olhar para trás até chegarmos em casa.

Na primavera de 1862 fui mandado para Hamburg, Iowa, e fiquei com meu tio Edwin Cutler por uma semana. Enquanto lá estava, ele perguntou-me se eu estaria interessado em ir para a Califórnia com ele. Disse-lhe que o acompanharia com prazer.

A viagem correu bem até passarmos pela cidade de Julesburg, Colorado, junto ao Rio Platte. Eu dormira um pouco mais que o costume certa manhã e não estava de pé antes do nascer do sol. Meu tio sacudiu-me, dizendo que não me havia trazido para servir-me, mas para que eu o servisse. Disse que se alegrava em ter-me como servo.

Alguns dias mais tarde, minha tia perguntou-me se eu sabia para onde meu tio me estava levando.

— Para a Califórnia, — respondi, — para onde mais?

— Ele está levando você para seu pai, em Utah, — disse ela.

Foi assim que decidi deixar meu tio logo que possível. Quando alcançamos Laramie, Wyoming, James Spicer, que viajava com nosso grupo há pouco tempo chamou-me para junto de seu carroção.

— Soube que você não quer ir para Utah, — disse ele.

Respondi que estava certo. Ele me disse que ia pegar a estrada para Fort Hall que rodeava Utah e que tinha notado que meu tio me maltratara na viagem. Disse-me que poderia viajar com ele, se

quisesse.

Dois dias depois, meu tio se aproximou dizendo: “Abe, junte o gado. Há um grupo que vai partir amanhã e podemos viajar com eles.” Eu lhe disse que não iria mais com ele, que seguiria para a Califórnia com Spicer.

Depois que meu tio percebeu que não havia nada que pudesse fazer para me impedir de ir com Spicer, disse que ia contar a todos os mórmons que visse, que um dos filhos perdidos de Heber C. Kimball estava vindo pela estrada atrás dele. Eu ouvira dizer que Heber C. Kimball era um líder mórmon, e isso me deixou com mais medo ainda de ir para Utah.

E agora eu estava viajando em direção a Utah. Não havia como voltar. Seria o meu fim.

Na balsa de Green River (Wyoming) houve mais problemas. Encontramos um mórmon, Lewis Robinson, e quando ele ouviu minha história, perguntou se eu planejava ver meu pai quando chegasse à Cidade do Lago Salgado.

— Não, se puder evitá-lo, — respondi.

— Seu pai é um bom homem, — disse ele. — Ele ficará muito satisfeito em vê-lo. Vou partir para Lago Salgado amanhã de manhã, a cavalo, e quando chegar lá direi a seu pai que você está a caminho.

Não encontramos mais nenhum mórmon até chegarmos a Silver Creek, perto de Parley's Park, Utah. Quando chegamos lá, soube que William H. Kimball morava em Parley's Park. Disseram-me que era meu meio-irmão.

Eu estava numa situação desesperadora. Decidi adotar uma atitude corajosa e preparar-me para o pior. Sentindo que seria melhor enfrentar o problema de uma vez, decidi fazer uma visita a meu meio-irmão. Armei-me de um revólver e um naco de tabaco próprio para mascar e me despedi, acreditando que seria a última vez que ouviriam falar

de mim.

William reconheceu-me pela descrição que meu tio lhe fizera.

"Alô, Abe", disse ele, "de onde você vem?"

Parecia muito contente em ver-me e pediu que fosse a sua casa com ele. Suspeitei que fosse uma armadilha. Mantendo a mão constantemente sobre o revólver, eu estava pronto para agir. Em casa, William apresentou-me a sua família e a mais dois de meus irmãos, Charles e Solomon. Fui convidado para jantar. Era a primeira refeição civilizada que eu fazia há meses. Meus parentes de Parley's Park deixaram-me uma impressão favorável. A única coisa mais próxima da tortura foi crivarem-me de perguntas e mais perguntas.

Levamos mais dois dias para chegar à Cidade do Lago Salgado. Acampamos na Praça da Emigração naquela noite, e apesar da boa impressão que meus parentes me deram, eu ainda tinha muito medo dos mórmons. Esperava cair em suas mãos ao amanhecer. Todos os meus antigos temores a respeito do cativo e tortura voltaram. Foi uma longa noite.

Ao meio-dia, Spicer me perguntou o que eu ia fazer. "Não acho que as coisas com seu pai sejam absolutamente como lhes contaram", disse ele. "É importante ter uma família." Spicer hesitou. Tínhamos-nos tornado bons amigos. "Estarei em Fort Floyd durante o inverno, e se você for lá ou se me encontrar na Califórnia, sempre terá um lar."

Despedimo-nos, ambos derramando lágrimas. Fiquei na praça o máximo que ousei, sozinho, observando o grupo de Spicer descer a estrada.

Se me tivessem mandado subir num patíbulo, eu iria com menos relutância do que fui procurar meu pai. Não ousava falar com ninguém; por isso, em lugar de

ir pela calçada, fui pelo meio da rua. Eu ainda acreditava que era uma armadilha, que os mórmons queriam capturar-me.

Atravessei City Creek e parei em uma casa para pedir informações. Como tinha concluído que meu pai devia viver naquela área, perguntei por meu meio-irmão, Charles Kimball, ao invés de perguntar por ele. A mulher que atendeu à porta era a esposa de Charles. Disse-me que seu marido estava no celeiro do pai, não muito longe de lá.

Enquanto eu atravessava o pátio, pessoas olhavam espantadas para mim das janelas e das portas. Devia ter uma aparência esquisita. As roupas que usava, embora fossem as melhores que possuía, estavam velhas e surradas: Uma camisa marrom claro, calças de algodão branco um palmo mais curtas do que deveriam ser, sapatos sem meias e um chapéu.

Meu irmão estava atrelando cavalos a uma carroça. Ficou surpreso ao ver-me.

"Abe, eu estava exatamente indo procurar você. Vou desatrelar o cavalo e levá-lo até papai."

Desejei então que a terra se abrisse e me engolisse. Quando chegamos perto da casa, vi um homem que supus ser meu pai. Tinha muito medo dele.

"Eis seu garoto", disse Charles.

Meu pai tinha um metro e oitenta e cinco de altura, olhos penetrantes e vivos, olhos que pareciam ler meus pensamentos. Falou comigo com voz gentil e paternal. Tentou abraçar-me, mas eu não deixei que o fizesse. Disse-me que estava feliz por ver-me e perguntou-me se eu sabia que era meu pai.

Respondi que não sabia e não me importava, e esperava que me deixasse partir o mais depressa possível. Ele disse que eu tinha liberdade de ir se quisesse e depois me convidou a entrar. Olhou-me durante algum tempo sem dizer nada.

"Você tem roupas boas?" perguntou,

quebrando o silêncio.

Morei com meu pai e sua família durante aquele inverno e até frequentei a escola. O amor que me demonstraram foi fazendo amainar os preconceitos e o ódio aos mórmons com que fora criado. No fim do inverno, meu pai perguntou-me se havia pensado em me batizar. Disse-lhe que não sabia. Respondeu que eu poderia fazer o que quisesse, mas que se eu acreditava no evangelho, ele gostaria de ver-me batizado.

Contou-me que antes de deixar minha mãe e Tia Emily, havia dado uma bênção a meu irmão Isaac e a mim. Com as mãos sobre minha cabeça, profetizara que eu iria para o vale das montanhas e depois voltaria com meu irmão. Disse-me que queria que na primavera eu fosse buscar meu irmão Isaac.

Nada mais foi dito a respeito do batismo por várias semanas, e então me perguntaram novamente se eu tinha pensado no assunto. Eu vinha sentindo o calor benéfico do evangelho e dos membros da Igreja. Sabia que era correto. Disse a meu pai que queria ser batizado.

Fomos até o City Creek. A água estava gelada, coberta por uma camada de gelo, mas não notei muito isso. Depois do batismo, meu pai me confirmou e designou para a missão de trazer de volta meu irmão.

Chegando ao meu velho lar, em maio de 1863, meus avós, meu irmão e meus amigos ficaram felizes por ver-me. Poucos dias depois, minha avó e grande parte da família foram passar o dia com alguns amigos. Vovô estava doente e não pôde acompanhá-los. Pediu-me que ficasse com ele enquanto os outros estivessem fora.

Quando ficamos sozinhos, começou a fazer-me perguntas a respeito de minha viagem a Utah. Perguntou-me se vira meu

pai. Disse-lhe que sim. Ele me disse que estava feliz por eu tê-lo visto. Perguntou-me se havia sido batizado e eu lhe disse que sim. Para minha surpresa, ele também disse que estava contente com isso.

"Eu lhe incuti preconceitos contra os mórmons e contra seu pai." Fechou os olhos enquanto falava. "E agora sinto que é meu dever acabar com esse preconceito.

"Sabia que Heber C. Kimball era seu pai, e sabia que era um bom homem; mas não queria que você soubesse disso. Queria que você e Isaac me sustentassem enquanto vivesse. É duro estar velho e doente. Você foi ver seu pai agora. É como as coisas devem ser. Eu estava errado.

"Sei que Joseph Smith foi um profeta de Deus, e sei que Brigham Young é o seu sucessor legal. Na verdade, sempre o soube. O meu problema é que eu queria liderar e não ser liderado. Vivi minha vida e agora tenho que enfrentar as consequências de meus atos."

Meu avô fechou os olhos novamente e limpou a garganta. "Quero que volte para junto de seu pai e leve Isaac. Sei que é o certo.

Quero que vocês permaneçam fiéis ao evangelho, ao mormonismo. Nunca, nunca ceda; o evangelho vai salvá-lo e exaltá-lo no reino de Deus."

Então vovô chorou como uma criança.

Depois de ouvir a verdade a respeito de meu pai, Isaac teve vontade de voltar para Utah comigo. Partimos uns poucos dias após a conversa que tivera com meu avô. Quando chegamos na Cidade do Lago Salgado, nosso pai ficou muito feliz por ver-nos. Recebeu-nos em sua casa, e, contentes, nos estabelecemos lá, sentindo-nos mais amados e mais à vontade do que jamais nos sentíamos antes. ★

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Pergunta: Posso ser perdoado por ter violado a lei da castidade? Em caso positivo, o que devo fazer para obter perdão?

Resposta: Verl F. Scott, ex-bispo,

presidente de estaca e missão, líder do grupo dos sumos sacerdotes, Ala Canyon Rim IV, Estaca de Salt Lake Canyon Rim

Numa bela noite de verão, sentado à porta de uma agradável cabana nas montanhas, observei uma pequena mariposa aproximar-se e voar em torno da luz da varanda. Tocava a lâmpada quente, mudava de rumo e depois, como que incapaz de resistir, aproximava-se de novo da lâmpada. Por fim, bastante chamuscada pelos repetidos contatos com o vidro quente, caiu ao chão, queimada e indefesa.

Como a mariposa, os jovens são às vezes atraídos pelo brilho intenso da

atração sexual. E embora sabendo que é perigoso, brincam com o calor da paixão pecaminosa, até que eles também ficam profundamente marcados e finalmente perdem a castidade dada por Deus.

Se a castidade for totalmente perdida através de relações sexuais ilegítimas, é um pecado muito grave. No entanto, *pode ser perdoado, sim!* Há toda razão para se ter esperança e coragem, embora o caminho não seja fácil e se baseie no arrependimento total.

A palavra *casto* é definida no dicionário como "que se abstém de relações sexuais ilícitas; puro em pensamento e atos".

Diz o Presidente Spencer W. Kimball: "Os primitivos apóstolos e profetas mencionam numerosos pecados... Muitos destes eram pecados sexuais — adultério, não ter afeição natural, luxúria, infidelidade, incontinência, linguagem profana, impureza, fornicção. Eles incluíam todas as relações sexuais fora do casamento — namoro pesado, perversão sexual, masturbação e preocupação com sexo no pensar e falar. Incluíam todo e qualquer pecado secreto e oculto, e todos os pensamentos e costumes impuros e ímpios.

"... O mundo pode aprovar experiências sexuais pré-conjugais, mas o Senhor e sua igreja condenam toda e qualquer relação sexual fora do

casamento.” (“O Presidente Kimball Fala sobre Moralidade”, *A Liahona*, março de 1981, pp. 137-38.)

A castidade raramente se perde de uma só vez, mas geralmente pouco a pouco, até que “as relações sexuais ilícitas” completam a série de pecados que a elas conduzem. No entanto, isso pode ser perdoado!

Para obter perdão, deve-se inverter o comportamento e entrar novamente na trilha através do arrependimento total que leva passo a passo ao perdão divino. O mais importante é não esperar, mas *começar logo*. William Nevins disse: “Aquele que espera pelo arrependimento espera por algo que não pode ser obtido enquanto for esperado. É absurdo que um homem espere por algo que ele próprio tem de fazer.” (*Richard L. Evans Quote Book*, Salt Lake City, Publishers Press, 1971, p. 208.)

Amuleque, no Livro de Mórmon, deu este importante conselho: “Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores.

“...Portanto, que não deixeis o dia do arrependimento para o fim; porque depois deste dia de vida, que nos é dado para nos prepararmos para a eternidade, eis que se não aproveitarmos nosso tempo virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado.

“... Porque, se protelardes o dia do vosso arrependimento para o dia da vossa morte, eis que vos tereis submetido ao espírito do diabo, que vos selará como coisa sua.” (Alma 34:32-33; 35.)

Podemos, de fato, esperar demais para nos arrependermos, como fizeram muitos dos nefitas no Livro de Mórmon. Samuel, o Lamanita, lhes disse: “Mas eis que vossos dias de provação já serão passados; retardastes o dia da vossa salvação até que se tornou para sempre demasiado tarde e a vossa destruição

está assegurada.” (Helamã 13:38.)

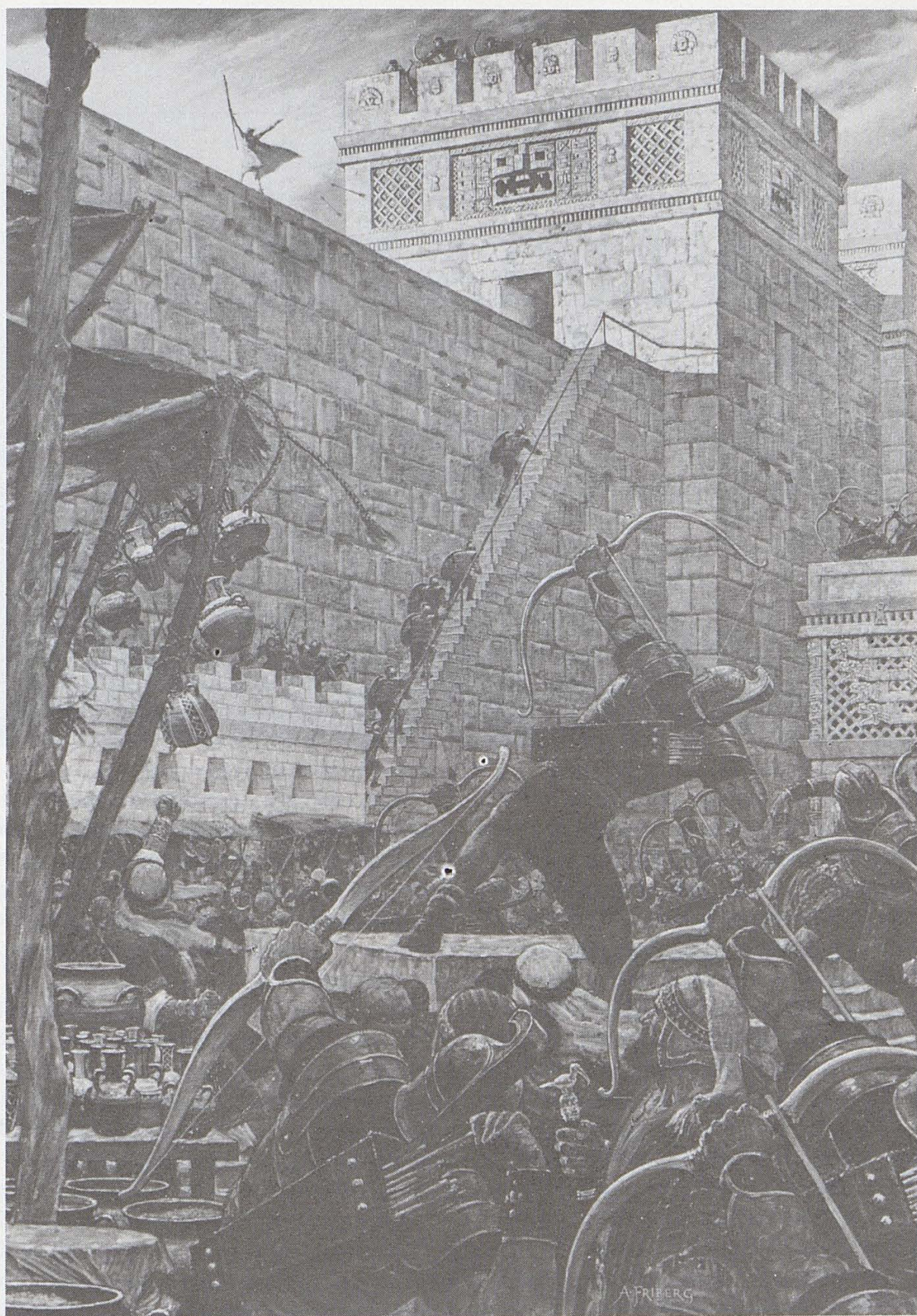
Começar? Certamente, e agora! Mas como? Como se consegue obter perdão? O Presidente Spencer W. Kimball, em sua grande obra *O Milagre do Perdão*, esboça os passos e dá o conselho que seguido, leva o transgressor a ter novamente associação plena com o Senhor e a Igreja.

“Para todo perdão existe uma condição. O curativo precisa ser tão amplo quanto a ferida. O jejum, as orações e a humildade devem ser iguais ou maiores do que o pecado. Precisa haver um coração quebrantado e um espírito contrito. Precisa haver ‘pano de saco e cinza’. Precisa haver lágrimas e uma mudança genuína no coração. Precisa haver a consciência do pecado, o abandono do mal, a confissão do erro às devidas autoridades do Senhor. Precisa haver restituição e uma mudança comprovada e decidida de atitudes, direção e destino. As condições precisam ser controladas e as companhias corrigidas ou mudadas. As vestes precisam ser lavadas até ficarem brancas, e precisa haver uma nova consagração e devoção à vivência de todas as leis de Deus. Em resumo, a pessoa precisa superar-se a si mesma, ao pecado e ao mundo.” (Centro Editorial Brasileiro, São Paulo, 1974, p. 334.)

Difícil, sim, mas plenamente possível, se conseguirmos enxergar além das dificuldades que teremos pela frente e virmos as bênçãos finais eternas decorrentes do arrependimento completo e sincero. Como nos foi dito pelo Senhor: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer mal:

“Aprendeí a fazer o bem...

“... ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.” (Isaías 1:16-18.) ★



DISCURSOS CLÁSSICOS

A LUTA PELA ALMA

Élder Melvin J. Ballard

Proferido no Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado, em 5 de Maio de 1928.

Três semanas antes desta tarde, durante a sessão geral da conferência, tive o privilégio de chamar a atenção para alguns pontos de interesse dos santos dos últimos dias e do mundo, baseado no inspirado profeta da América, Néfi, que seiscentos anos antes do nascimento de Cristo deixou uma mensagem para esta geração. Desejo continuar, com a vossa permissão, no espírito dessas instruções e para tanto lerei alguns parágrafos de 2 Néfi 28:

“E muitos dirão: Comei, bebei e diverti-vos, porque amanhã morreremos; e tudo nos irá bem.

“E muitos também, dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temeí a Deus — ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco,

aproveitai-vos das palavras de alguns, abri uma cova ao vosso vizinho; não haverá mal nisso. Fazei todas estas coisas porque amanhã morreremos; e, se acontecer estarmos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus.” (2 Néfi 28:7-8.)

Leio começando no versículo 19:

“Porque o reino do diabo deve ser sacudido, e os que a ele pertencem devem ser aconselhados a se arrependem, ou ele os agarrará com suas eternas correntes, e serão movidos à cólera e perecerão;

“Pois que, nesse dia, ele assolara os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.



“E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera, Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

“E a outros ele lisonjeia, dizendo que não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação.” (2 Néfi 28:19-22.)

Há dois anos, eu estava trabalhando com os élderes Wells e Pratt na América do Sul, abrindo uma missão para a Igreja. Durante esse período tive oportunidade de refletir e estudar. Diz-se que “a distância traz encantamento à vista” e,

acredito, que às vezes também um entendimento mais claro. Eu me encontrava a dezoito mil quilômetros dos escritórios centrais da Igreja, distância suficiente para ver as coisas como elas realmente são. Havia-me afastado do mundo que conhecia e entrado num mundo novo e diferente. A língua era diferente; os costumes do povo, os céus, a terra — tudo parecia estranho e diferente — de forma que eu era como alguém que deixou a terra e tinha muitos dos pensamentos e reflexões que com certeza terei quando esse momento realmente chegar para mim. Tive oportunidade de ler muito, não apenas estudando o idioma espanhol, mas também li tudo que pude obter em minha

Paz e prosperidade — o mais perigoso período que qualquer homem ou qualquer povo pode atravessar.

própria língua, inclusive a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e os seis volumes da história da nossa Igreja. Enquanto meditava a respeito do progresso da Igreja, da sua posição atual e do futuro que a espera, vieram-me distintamente algumas impressões a respeito de um período cheio de perigos para muitos e, sentindo um forte desejo pelo bem-estar dos membros da Igreja e também por todos os meus semelhantes, prometi ao Senhor que, se me desse sabedoria e força, eu levantaria a voz de advertência aos filhos dos homens com relação ao perigo que os ameaçava.

Vejo as evidências de que esse período de perigo se aproxima. Deveria vir num tempo de paz e prosperidade — a propósito, o mais perigoso período que qualquer povo pode atravessar. Muitos homens permanecem firmes e fiéis a seus princípios nos momentos de dificuldade, mas quando chega sua hora de independência, quando vem a prosperidade, como é fácil esquecer os padrões elevados e sentir o poder que a

prosperidade e o sucesso trazem, atender aos nossos desejos e apetites. Assim acontece com as nações.

Tenho sentido profundamente que o mundo todo se está aproximando de um período de auto-indulgência, em que surgirá uma nova ordem das coisas, e vi muito claramente que a própria Igreja seria afetada por esse novo período pelo qual deveríamos passar. Posso, no entanto, ver claramente que não é, de maneira alguma, com as forças dos homens que devemos contar, mas que há poderes influenciando os corações humanos, levando-os à solução desses problemas que surgem diante de nós.

Quando os primeiros filhos fiéis do Pai estavam prestes a vir para a vida terrena, sem dúvida foram advertidos e admoestados, pois estávamos para ter duas novas experiências. Primeiro, entrar na posse de um corpo mortal. Sem nunca ter tido um corpo mortal, era totalmente estranho. Fomos exortados a que deveríamos tomar posse desse corpo mortal e torná-lo nosso servo, e que deveríamos dominá-lo, honrá-lo, mas ainda assim controlá-lo.

(Segundo), estaríamos em presença do inimigo, que agora teria maioria. Se nossos olhos fossem abertos apenas para ver os poderes que estão a nossa volta, procurando influenciar-nos, não teríamos a coragem de caminhar sozinhos e sem ajuda. Esses poderes estão a nossa volta, usando sua influência para a realização de certos fins bem definidos, para conquistar o ambicioso lugar para seu chefe, o filho decaído de Deus. Quando ele caiu, os céus choraram por ele, e ele tornou-se Lúcifer, o demônio.

Seu propósito transparece claramente em seus próprios atos. Tomemos por exemplo a tentação do Mestre. Embora

ninguém mais soubesse para onde ele havia ido, após o batismo, esse irmão invejoso e cobiçoso sabia e o encontrou no momento de sua fraqueza física, e o tentou. A grande questão, no entanto, envolvida nessa tentação, não era tanto tornar as pedras em pães, nem jogar-se do pináculo do templo — isso era apenas um prelúdio para a grande questão em jogo. Lá passaram pela mente de Jesus Cristo, como num panorama, os reinos do mundo, e o tentador lhes ofereceu. Ele sabia que era em parte para ganhar o direito de governá-los que Jesus Cristo viera ao mundo, e que ele havia proposto morrer, dar a vida para obter o direito de ser o Rei dos reis e o Senhor dos senhores.

Mas o tentador ofereceu a Jesus todas essas honras e privilégios de maneira fácil, apenas prostrar-se e adorar o maligno. E, disse-lhe: "Tudo isto te darei. Não há necessidade de morrer no Calvário; apenas adora-me. Eles são meus e depois serão teus." Se houve alguma vez um momento em meio à tentação em que Jesus não sabia que lhe estava preparando armadilhas, agora todas as dúvidas se dissiparam, pois ele disse: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás." (Mateus 4:10.) E Satanás o deixou.

É verdade que aquele que ofereceu os reinos deste mundo os estava governando, pelo menos temporariamente, mas seu título não era válido. Tivesse Jesus Cristo aceitado esse título, teria sido enganado e por fim descobriria que o título de nada valia. Assim, para ganhar o legítimo direito e título para governar os reinos deste mundo, o Mestre deu a vida. Mas a questão não estava encerrada, porque

ainda é propósito daquele que foi rejeitado e que foi derrotado no início e cujos planos foram malogrados pelo Senhor Jesus Cristo enquanto estava em seu ministério, obter o direito de governar os reinos deste mundo, e isso é o que ele quer fazer aqui.

Assim, na primavera de 1820, havendo chegado a hora, conhecida pelos antigos profetas, em que o anjo viria voando pelo meio do céu, trazendo o evangelho eterno para o proclamar aos que habitam na terra, quando se aproximava o momento em que Elias deveria voltar à terra antes do grande e terrível dia do Senhor, quando a mensagem profética contida no sonho de Nabucodonosor, interpretado por Daniel, seria gloriosamente consumada com o estabelecimento do reino que nunca mais seria destruído, nem entregue a outro povo — quando o momento chegou ele não era conhecido só por Deus nos céus, mas também pelos poderes que governam a terra. Assim, antes de o Senhor manifestar-se, o demônio estava presente e apoderou-se do jovem que deveria ser o instrumento para o cumprimento daquelas promessas, e procurou destruí-lo.

Não era uma destruição imaginária que parecia estar prestes a acontecer, mas um poder real, tangível, que se apoderou dele; pois Satanás esperava restringir a obra de Deus, adiar o dia que seria sua ruína, através da morte do mensageiro que Deus enviara ao mundo e que estava prestes a ser visitado em conexão com o início de uma dispensação do evangelho, exatamente a última — uma obra que rolaria avante até encher toda a terra. Era o começo do fim. Não é de admirar que os poderes do mal procurassem impedir o seu progresso,

seu crescimento e desenvolvimento.

Deus, porém, também sabia que era chegada a hora. Ele e seu Filho, Jesus Cristo, visitaram esse rapaz e iniciaram esta grande dispensação do evangelho que tem por suprema finalidade a conquista do mundo para Cristo e seu estabelecimento como governador da terra, como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Assim, o processo de conflito sempre existiu na Igreja, desde o dia das primeiras lutas do Profeta. Lutamos para prosseguir em nosso caminho sob toda espécie de circunstâncias adversas. Percebendo que não lhe foi possível destruir tudo com os meios que empregou para impedir a obra — pela violência da plebe, assassinatos, perseguições, imposições e prisões, tirando os direitos dos cidadãos, com muitas desgraças e problemas — Satanás está querendo empregar novos métodos. Esse é o ponto que desejo ressaltar, porque vi muito claramente que o inimigo não está satisfeito, nem abandonou o campo de batalha, mas, com métodos novos, procura destruir esta obra. Pois quero dizer-vos que ele é suficientemente vaidoso para pensar, e acreditar sinceramente que no final será vitorioso e o rei deste mundo.

Os profetas antigos previram o tempo em que essa questão seria decidida. Alguns deles chamaram o conflito de Armagedon. Seja qual for o nome, está chegando o tempo em que a questão referente a quem tem o direito de governar e reinar será decidida. Todo homem justo, vivo ou morto, terá interesse e participação nesse conflito, assim como também todo homem iníquo, vivo ou morto.

Qual será o fim da questão? Quão logo

será eu não sei, mas de uma coisa eu sei: As evidências do futuro conflito estão-se acelerando e ele virá; e os dias estão sendo empregados na preparação para ele com tal empenho de ambos os lados que ficaríamos surpresos se soubéssemos que seremos o centro de grande interesse no universo, porque nos estamos aproximando de dias grandes, importantes e críticos na história do mundo.

Forças poderosas estão sendo organizadas de um lado e do outro para esse conflito que se avizinha e que resolverá a questão de quem reinará e governará. Nesse meio-tempo — e falo do demônio como uma personalidade, uma realidade — ainda existem os que negam sua existência, exatamente como Néfi disse que o demônio inspiraria as pessoas a dizerem: “Não existe nenhum demônio”; e ele lhes sussurraria: “Eu não sou o diabo.” No que se refere aos santos dos últimos dias, nunca achamos que o diabo fosse uma monstruosidade, que tivesse chifres e rabo e cascos fendidos. Não senhor, ele tem aparência de um cavalheiro e se o vísseis, voltar-vos-íeis para olhá-lo. Ele é bem mais inteligente que nós. Ele é uma realidade. Estou tão certo de que tem uma personalidade, estou tão certo de que vive, como estou certo de que Deus vive. Embora procure enganar os homens e persuadi-los a crer que não existe, de fato ele existe, e nunca esteve tão ativo como hoje. Enquanto isso, qual é o seu trabalho hoje? Declaro-vos que ele tem seus postos de recrutamento em todas as partes do mundo e que eles estão armados. Ele tem soldados, e são muitos. Ele anda aliciando homens e mulheres em suas fileiras, preparando-se para o grande conflito na vã esperança de que

Pintura de Carl Bloch. O original está na Capela do Castelo de Frederiksborg, na Dinamarca. Usado com permissão.



quando a luta ocorrer, ele terá a maioria e por isso vencerá.

Não estou preparado para dizer quem estará do lado dele nem quantos serão, mas tenho tanta certeza como tenho de estar vivo, por inspiração do Todo-Poderoso, que o fim do conflito é tão certo como o resultado no início. Que ele caiu no início e foi banido dos céus é um fato; e também é verdade que, não importa quantos tomem seu partido, nem quão cruel seja o conflito, ele será derrotado e banido da terra e expulso de seu próprio domínio. Cristo virá reclamar o que é seu, para governar e reinar.

Até lá, contudo, não é o resultado do conflito que me preocupa, mas antes se eu estarei do lado dele ou do lado do Senhor. Sem dúvida é bom momento para todo homem e mulher examinar-se a si mesmo e descobrir se está do lado do Senhor ou não. Gostaria de dizer-vos, irmãos e irmãs, que todas as tentativas do inimigo de nossas almas para nos capturar serão feitas através da carne, porque ela é feita com os elementos da terra em seu estado perfeito, e ele tem poder sobre os elementos da terra. Suas investidas serão através da luxúria, dos apetites, das ambições da carne. Toda a ajuda do Senhor em nosso socorro nessa luta virá através do espírito que habita nosso corpo mortal. Assim, essas duas forças poderosas operam em nós através desses dois canais.

Como a batalha se desenrola em vós? Como se está desenrolando nos homens e mulheres do mundo? Esta é uma pergunta importante. O maior conflito que qualquer homem ou mulher terá de enfrentar (não importa quão numerosos sejam seus inimigos), será a batalha que trava com o próprio eu.

Gostaria de falar do espírito e corpo

como “eu” e “ele”. “Eu” é o indivíduo que habita nesse corpo, que vivia antes de eu ter este corpo, e que viverá quando eu o deixar. “Ele” é a casa em que moro, o tabernáculo de carne; e o grande conflito é entre “eu” e “ele”.

Eu costumava dizer aos missionários com quem convivi por muitos anos, que é uma coisa excelente nos isolarmos uma vez por semana para nos examinarmos, descobrirmos como está indo a batalha, quem está ganhando — “eu” ou “ele”; fazermos um julgamento de nós mesmos, corrigirmos nossos erros e fraquezas, pormos em ordem nossa própria casa. Vós não tendes que estabelecer um dia para isso. O Senhor o fez, para todos os membros da Igreja. Esse dia é o dia do Senhor. É na reunião sacramental, quando vedes os emblemas do corpo ferido e do sangue derramado sendo preparados — esse é o momento para todos os homens e mulheres fazerem uma conferência secreta dentro de si mesmos e descobrir se caíram em pecado e transgressão ou não, se cederam ao tentador, se há coisas das quais precisam arrepender-se, para purificarem sua alma, e fazerem as pazes com irmãos e irmãs e com o Senhor, para que não estendamos a mão e comamos e bebamos indignamente desses emblemas sagrados.

Um outro período que o Senhor designou para os membros desta Igreja verificarem quem está vencendo a luta, “eu” ou “ele”, é o primeiro domingo, quando devemos abster-nos de comer e beber por duas refeições. Quando esse período se aproxima, “ele”, a casa em que vivo, queixa-se de que não será possível abster-se de alimento: “Minha cabeça doerá; meus joelhos tremerão; sentirei vertigens; não posso jejuar por

tanto tempo; preciso comer um pouco.” Estais cedendo a esses sentimentos? Se estiverdes, posso dizer-vos quem está ganhando a batalha. É uma coisa esplêndida que “eu” e “ele” realmente se enfrentem, pelo menos uma vez por mês, e que “eu” diga a “ele”, o corpo em que vivo, meu servo: “Você pode passar sem essas duas refeições; não vai prejudicá-lo. Na realidade, vai beneficiá-lo. E embora minha cabeça possa doer e meu corpo sentir vertigens, não vou morrer. Sou mais forte que você, e uma vez por mês vou mostrar-lhe que eu sou seu senhor.” Que força isto vos dará para resistir no dia de amanhã, quando surgir algum outro desejo! Talvez seja o desejo de bebida alcoólica, de tabaco ou qualquer outro apetite da carne — e eu encontrarei forças para dizer ao corpo em que vivo: “Você não pode profanar este tabernáculo; eu o quero limpo, não deixarei que este corpo seja profanado; ele é meu servo e tem que ser mantido puro.”

Vós, porém, nunca podeis dizer como anda a batalha se não estiverdes cuidando muito bem do espírito. Sabemos que se não nos alimentamos e exercitamos devidamente, fisicamente falando, não haverá crescimento. Se desejais ter um espírito forte capaz de dominar o corpo, deveis cuidar que vosso espírito receba alimento espiritual e faça exercícios espirituais.

Onde obtemos o alimento espiritual? Acabei de mencionar que uma vez por semana os membros da Igreja são convidados a participar da mesa do sacramento, onde comem e bebem os emblemas do corpo ferido e do sangue derramado pelo Senhor Jesus Cristo, abençoado para o espírito deles — não para seu corpo físico, pois aquele que

Quando os primeiros filhos e filhas fiéis do Pai estavam prestes a vir para a vida terrena, sem dúvida foram advertidos.

come e bebe dignamente, come e bebe vida espiritual. Também devemos buscar o Senhor diariamente em oração, oração secreta e oração familiar. O que acontece então? Fechamos os olhos e excluimos o mundo físico, abrimos as janelas de nossa alma invocando sobre nós bênçãos espirituais, poderes espirituais. E essa força flui para nossa vida espiritual. Dessa forma, essas e outras oportunidades de alimento espiritual são nos oferecidas, e o exercício espiritual vem através do serviço em favor de nossos semelhantes.

O homem ou mulher que não está recebendo alimento espiritual nem fazendo exercícios espirituais em pouco tempo tornar-se-á espiritualmente fraco, e a carne será o senhor. Por isso, todo aquele que se utiliza tanto de alimento como de exercícios espirituais, terá domínio sobre seu corpo e mante-lo-á sujeito à vontade de Deus.

Eu disse que o ataque do maligno para nos capturar se dará através do corpo. Essa é a linha de contato. Há um provérbio que diz que nenhuma corrente

O processo de conflito sempre existiu na Igreja, desde o dia das primeiras lutas do Profeta.

é mais forte que seu elo mais fraco. Ela se partirá no ponto fraco. Em geral, nosso elo mais fraco está na carne. O diabo conhece o elo fraco, e quando ele se propõe a capturar uma alma, ataca-a no seu ponto fraco. Pode haver força em algum outro lugar, mas ele nunca ataca onde somos fortes. Ele ataca onde somos fracos.

Certa ocasião, percorrendo a grande floresta do Oregon, vi uma árvore gigantesca caída sem razão aparente, enquanto todas as suas companheiras continuavam de pé. Observando mais de perto, percebi que o problema se vinha desenvolvendo imperceptível debaixo da casca. Um inseto fizera um furo não maior que um alfinete, mas que seccionara o tronco inteiro do gigante, criando um ponto fraco. E bastou uma pequena pressão para o gigante cair expondo sua fraqueza. Fui inspirado a dizer quanto isto se assemelha à vida humana. Há muitos homens e mulheres que parecem absolutamente honestos, que exteriormente parecem fortes, mas que estão tolerando assim pontos fracos que podem ser sua ruína, deixando uma

porta aberta para o ataque do inimigo.

Quando Goethe escreveu *Fausto*, creio que foi inspirado a dizer algumas verdades a respeito do método de ataque do inimigo de nossas almas. Lembrai-vos de que o homem Fausto, já com bastante idade, desejava avidamente recuperar a juventude, e orou pedindo essa transformação. Mas o que ele pedia era ilícito e o Senhor não lhe deu qualquer resposta. Mas ele persistiu em suas orações, e quando persistimos, sem o desejo de dizer: "Não seja como eu quero, mas como tu queres," é possível que o demônio nos responda, como fez com Fausto. E então o demônio disse: "Farei isso por você. Fã-lo-ei jovem, e quando você voltar a ser jovem, vai querer uma moça." E a visão da bela Margarida foi-lhe mostrada. "Mas se eu fizer isso por você, quero que assine um contrato estabelecendo que, quando acabar com esse corpo, seu espírito me pertencerá."

Não são corpos, mas espíritos imortais que o demônio quer. E ele deseja capturá-los através do corpo, pois o corpo pode escravizar o espírito, mas o espírito pode fazer o corpo seu servo e ser seu mestre.

E assim o contrato foi feito. Então, transformado em jovem, Fausto se lembra da promessa da virgem, e ambos vão procurá-la. Encontram-na entrando na igreja. Fausto corre para tomá-la, mas o demônio o detém e diz: "Não tão depressa, não dessa forma." Eis uma verdade. O demônio não consegue capturar nenhum homem ou mulher dessa forma. Ele não pode arrebatá-lo e fazê-lo seu escravo contra sua vontade. A todo homem e mulher que vive é dado o poder de dizer como Cristo disse: "Vai-te Satanás", e ele afastar-se-á de vós tão



Se desejais ter um espírito forte, ... deveis permitir que vosso espírito receba alimento espiritual e faça exercícios espirituais.

rapidamente quanto se afastou do Mestre. Ele não pode *capturar* uma única alma sem que ela esteja disposta a ceder. Ele é limitado. Tem que cativar, homens e mulheres.

Assim foi com Margarida. Ele precisa cativá-la. Eles a estudam e descobrem sua fraqueza. Ela é uma jovem casta, virtuosa, maravilhosa, e no entanto tem uma fraqueza. É a vaidade. Assim, eles aproveitam esse ponto fraco. Jóias são colocadas no jardim, e com elas o espelho. Ela descobre essas coisas. A vaidade a incita a colocar as jóias e sugere que se olhe no espelho para ver como é bonita. No momento psicológico, o tentador aparece e oferece as jóias como um presente de seu futuro amado. Ela é levada a aceitá-las.

Os amantes passam a tarde juntos, e ouve-se a voz da mãe chamando Margarida para que deixe o jardim e entre, mas ela não quer deixar o amante que acabara de encontrar. Novamente, no momento psicológico adequado, aparece o tentador, o demônio,

colocando uma pílula nas mãos de Fausto garantindo que, se for colocada no que a mãe beber à noite, ela logo adormecerá e os amantes não serão perturbados.

Ouvindo os tristes casos de mais de uma garota que escapou da influência da mãe e só colheu tristeza e dor, pergunto-me por que a advertência não é suficiente para dar a cada garota a certeza de que o lugar mais seguro no mundo para ela é junto de sua mãe.

A mãe toma a poção e vai dormir. Os amantes passam a noite juntos. A manhã traz à cena o irmão Valentino, que encontra a mãe morta — pois aquele era o sono da morte — e um estranho na casa com sua irmã Margarida. Segue-se discussão, trava-se um duelo no qual Valentino, o irmão, é morto. Agora Margarida se dá conta de sua situação e as conseqüências de seus atos. Ela matou a mãe, provocou a morte do irmão, e — pior que a própria morte — perdeu a virtude. Ela é vista em seguida chorando e arrancando os cabelos, e o demônio entra em cena rindo. Capturou outra alma. Tão forte como era, tinha uma fraqueza, e através desta o inimigo a venceu.

É esse o processo pelo qual as secretas fraquezas e vícios deixam uma porta aberta para que o inimigo de vossa alma entre; e ele pode entrar e tomar posse de vós, e sereis seus escravos. Depois que tiver entrado, ele embala suas vítimas num senso de segurança, sussurrando-lhes que podem mentir um pouco, roubar um pouco, cometer algum pecadinho e que serão castigados com uns poucos açoites e depois tudo irá bem.

É um dos métodos do demônio manter a porta aberta para que possa entrar. Declaro-vos que esse é o processo pelo qual ele está procurando capturar almas

hoje. Embora não haja nenhum inimigo mortal ou movimento organizado contra esta Igreja, o inimigo de nossas almas está alerta e atento. Ele tenta corromper homens e mulheres com novos métodos. Não há um só homem ou mulher vivente que não será posto à prova, cuja posição não será atacada, e se Satanás puder encontrar uma entrada, tentará capturar aquela alma.

É o tempo das provações individuais que vejo aproximar-se, e por esse motivo é bom conhecer as forças e os poderes que se organizam contra nós, para que possamos cerrar fileiras e nos fortificar. Estando avisados, acautelemo-nos e armemo-nos e declaro-vos que todos os princípios do evangelho que a Igreja recebeu se destinam especificamente a nos fortalecer e armar contra os assaltos de inimigos de nossa alma. O homem ou a mulher que consegue guardar a Palavra de Sabedoria, por exemplo, também terá forças para manter-se limpo, incólume aos pecados desta geração.

O método preferido do inimigo de nossas almas, usado em tempos passados e que será usado hoje é capturar almas, conduzindo-as gentilmente, passo a passo, em direção ao maior e mais destrutivo pecado contra a vida espiritual — a imoralidade, o supremo fim da auto-indulgência. Nenhuma nação sobreviveu nem sobreviverá à era da imoralidade. O tentador está hoje induzindo os homens a serem cegos ao pecado, e até mesmo ocupantes de altos postos são levados a rejeitar a força e o poder e o vigor dos Dez Mandamentos, e a encarar a associação ilícita e imprópria dos sexos como algo não pecaminoso. Declaro-vos que é um pecado mortal contra a espiritualidade, e é um pecado mortal

contra a vida dos homens e nações. Alguém poderá dizer: "Bem, posso ter meus pecados e fraquezas, mas dentro em pouco vou superá-los, quando tiver uma certa idade. Comerei e beberei hoje e adiarei até amanhã, mas sempre posso arrepender-me antes de morrer."

Gostaria de dizer-vos que não há outra época, e jamais haverá, em que homens e mulheres possam conquistar, dominar e vencer a carne e o diabo, como agora na mortalidade. Dir-vos-ei também que a melhor época é na juventude. Falamos do poder e influência dos hábitos, e freqüentemente perdoamos os pecadores por serem vítimas dos maus hábitos. Gostaria de dizer-vos que os bons hábitos são tão eficazes quanto os maus para controlar as ações de homens e mulheres.

Ah, se os homens e mulheres pudessem aprender na juventude a servir ao Senhor e a estabelecer bons hábitos, pensamentos virtuosos, ações justas, honestidade e integridade! Se o fizessem, quando atingissem o ápice de sua força e poder, em lugar de usar a maior parte de sua força e poder para corrigir os erros da juventude, em lugar de lutar para vencer aquilo que nunca deveria ter entrado em sua vida, usariam essa força para ir em frente e "construir mansões mais majestosas, ó minha alma"! Os homens e mulheres não cometem grandes erros num único instante. Isso acontece gradualmente, passo a passo. É uma bênção que não seja com rapidez que os homens conseguem afastar-se da trilha da virtude para se tornarem imorais. ★

(Nascido em Logan, Utah, em 1873, o Élder Ballard foi ordenado apóstolo a 7 de janeiro de 1919. Faleceu em 1939.)

